

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

JOCILENE CACHO SANCHES

O DIÁLOGO ENTRE O TEXTO E A IMAGEM EM *A MULHER QUE MATOU OS PEIXES* DE CLARICE LISPECTOR

JARDIM – MS

2012

JOCILENE CACHO SANCHES

O DIÁLOGO ENTRE O TEXTO E A IMAGEM EM *A MULHER QUE MATOU OS PEIXES* DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. MSc. Josilene Moreira Silveira.

JARDIM – MS

2012

Sanches, Jocilene Cacho
Biografia de Clarice Lispector e Análise da Obra *A mulher que Matou os Peixes*/ Jocilene Cacho Sanches. Jardim: UEMS, 2012. 57 p., 30cm.

Bibliografia
Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Letras
Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Clarice Lispector 2. *A mulher que Matou os Peixes* 3. Literatura Infantil 4. Ilustração

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

29 de Outubro de 2012, _____
JOCILENE CACHO SANCHES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BIOGRAFIA DE CLARICE LISPECTOR E ANÁLISE DO CONTO *A MULHER QUE MATOU OS PEIXES*

APROVADO EM: ____/____/____.

Orientadora: Prof^ª. MSc. Josilene Moreira Silveira
UEMS/Jardim

1^a Examinadora: Prof^ª. Dr. Susylene Dias de Araújo
UEMS/Jardim

2^o Examinador: Prof^o. Dr. Fábio Dobashi Furuzato
UEMS/Campo Grande

“Quando eu não escrevo, eu estou morta”

(Clarice Lispector 1977)

Dedico este trabalho monográfico de conclusão de curso aos meus pais que, com todo o esforço e sem terem boas condições financeiras, nunca me deixaram faltar nada. O amor de um pai e de uma mãe não se compara a nenhum outro amor, a não ser o de Deus.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus.

Agradeço aos meus pais José Aparecido Maciel Sanches e Nicias José Cacho Sanches e meus irmãos: Jocimar Cacho Sanches, Jociéle Cacho Sanches e Jociley Cacho Sanches.

Agradeço ao Jaime Torres Gonçalves pela amizade, por entender meus sentimentos e pela força que ele me deu durante os três primeiros anos no curso de Letras.

Agradeço ao meu noivo Daniel Argenti Piva a quem devo todo meu amor, por me fazer sorrir e não desistir do curso quando eu me sentia fraca, se não fosse ele, hoje talvez não terminasse esse trabalho.

Agradeço aos colegas que me acompanharam durante esses quatro anos de graduação. Sempre ficarão guardados em minha memória. Agradeço em especial a dois colegas de sala, que se tornaram meus amigos e que fizeram a diferença: João Batista da Silva, o qual desistiu do curso por alguns problemas enfrentados, mas de quem terei recordações boas e sempre será meu amigo, ao meu amigo Sandro de Souza Silva, o qual recebeu o apelido de Muttley no decorrer do ano. Sandro me ajudou muito nos meus estudos, trocamos ideias interessantes a respeito dos nossos trabalhos, sempre tivemos contato para esclarecer as nossas dúvidas e nunca um deixou o outro na mão.

Agradeço a todos os meus professores da Universidade pelo incentivo e pelo conhecimento compartilhado.

Meu agradecimento em especial vai para o professor Fábio Dobashi Furuzato e para as professoras Susylene Dias de Araújo e Roseli Grubert Peixoto.

E, por fim, agradeço a minha orientadora MSc. Josilene Moreira Silveira, pela paciência, pelo comprometimento e por me aceitar como orientanda.

RESUMO

Clarice Lispector foi uma grande escritora brasileira e também muito reconhecida por suas obras. Escreveu para adultos e crianças. No entanto, tem-se estudado muito a literatura da autora destinada aos adultos, mas pouco de suas narrativas destinadas ao público infantil. Desse modo, neste Trabalho de Conclusão de Curso busca-se analisar a obra de Clarice Lispector: *A Mulher que Matou os Peixes*, com vistas à relação entre o texto literário e as ilustrações produzidas por Flor Opazo, disponível na edição de 1999 editora Rocco. A obra conta a história de uma mulher chamada Clarice que matou dois lindos peixinhos vermelhos por não os alimentar. Ela diz não ter culpa da morte dos peixinhos e faz toda uma volta, contando dos bichos que teve, para contar como matou os peixes. Quanto à metodologia empregada, para dar suporte à leitura-análise da obra, realizaram-se pesquisas e leituras acerca das narrativas infantis, como conceito e histórico a fim de situar a produção da autora no panorama da literatura infanto-juvenil brasileira, fundamentando-se em Cunha (1991), Cademartori (1986), Lajolo; Zilberman (1991) e Barbosa (2005) a biografia da autora nos fundamentamos em Nolasco (2007), Campedelli; Abdala Junior (1981) e Lispector (1996-1977). Na sequência procedeu-se a análise do texto literário de Lispector, considerando os elementos estruturas que juntos constroem os sentidos para o texto, para esta análise pautamos nas abordagens de Coelho (1987) e Franco Junior (2005) e Lispector (1999-1996). Para, enfim, problematizarmos as ilustrações e o diálogo que estabelece com o texto literário, recorrendo aos estudos de Joly (1996), Pereira (2009), Cordeiro (2012), Paio; Oliveira (2006), Cunha (2006), Glauber (2007) e Lispector (1999) que apontam a complementaridade de sentidos entre essas manifestações artísticas. Concluimos que a Literatura Infantil é de suma importância, pois ajuda no desenvolvimento da criança. Clarice Lispector teve grande importância e participou da nossa Literatura Infantil. Era uma mulher solitária e uma excelente escritora, mesmo dizendo que se considerava uma escritora amadora. Percebemos que a obra *A Mulher que Matou os Peixes* é bem diferente das demais histórias escritas para crianças. Verificamos a relevância da imagem em relação ao texto, um complementando o sentido do outro.

Palavras-chave: Clarice Lispector. *A mulher que Matou os Peixes*. Literatura Infantil. Ilustração.

ABSTRACT

Clarice Lispector was a great Brazilian writer and very well known for his works. Wrote for adults and children. However, it has been thoroughly studied literature the author intended for adults, but little of their stories aimed at children. So, this Labor Completion of course seeks to analyze the work of Clarice Lispector: *The Woman Who Killed the Fish*, with views to the relationship between literary text and illustrations produced by Flower Opazo, available in the 1999 edition publisher Rocco. It tells the story of a woman named Clarice who killed two beautiful goldfish by not feeding them, she says not to blame the death of fish and makes all around, counting the animals that had to count as killed fish. Regarding the methodology, to support reading-analysis of the work were carried out researches and readings of narratives about childhood as a concept and history in order to locate production in the panorama of the author of children's literature in Brazil, basing themselves in Cunha (1991), Cademartori (1986), Lajolo; Zilberman (1991) and Barbosa (2005) biography of the author we have considered in Nolasco (2007), Campedelli; Abdala Junior (1981) and Lispector (1996-1977). Following proceeded to the analysis of literary texts of Lispector, considering the elements that together build structures senses for text, for this analysis we base in the approaches to Coelho (1987) and Franco Junior (2005) and Lispector (1999 - 1996). To finally problematize the illustrations and dialogue established with the literary text, drawing on studies by Joly (1996), Pereira (2009), Cordeiro (2012), Paio; Oliveira (2006), Cunha (2006), Glauber (2007) and Lispector (1999) suggest that complementarity between these senses of artistic events. We conclude that the Children's Literature is very important as it helps in child development. Clarice Lispector was very important and part of our Children's Literature. It was a lonely woman and a great writer, even saying that he considered himself a writer amateur. We realize that the work *A Woman Who Killed the Fish* is quite different from other stories written for children. We verify the relevance of the image in relation to the text, one complementing the other direction.

Keywords: Clarice Lispector. The Woman Who Killed the Fish. Children's Literature. Illustration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12	
CAPÍTULO I – PANORAMA HISTÓRICO E CONCEITUAL DA LITERATURA		
INFANTO-JUVENIL.....	14	
1 História da Literatura Infanto-Juvenil.....	14	
1.2 Literatura Infanto-Juvenil no Brasil.....	15	
2 Literatura Infanto-Juvenil: definição do gênero e relação com a Pedagogia.....	16	
3 Clarice Lispector e a Literatura Infantil: um estilo próprio.....	19	
3.1 Biografia e principais obras de Clarice Lispector: uma escritora leitora.....	20	
CAPÍTULO II - ANÁLISE ESTRUTURAL E INTERPRETATIVA DA OBRA A MULHER QUE MATOU OS PEIXES DE CLARICE LISPECTOR.....		28
CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO A MULHER QUE MATOU OS PEIXES.....		37
1 Análise das ilustrações de Flor Opazo relacionadas ao texto literário de Clarice Lispector: A Mulher que Matou os Peixes.....	39	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55	
REFERÊNCIAS.....	56	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro A Mulher que Matou os Peixes.....	40
Figura 2 – A escritora-narradora Clarice.....	41
Figura 3 – A gata e sua ninhada.....	42
Figura 4 – O rato azul.....	42
Figura 5 – As roupas e acessórios da personagem Clarice.....	43
Figura 6 – Lagartixa (bicho natural).....	44
Figura 7 – O mosquito através da lente.....	44
Figura 8 – Momento de leitura.....	45
Figura 9 – Cachorro Dilermando.....	45
Figura 10 – A Mala Amarela.....	46
Figura 11 – O cachorro Jack.....	47
Figura 12 – A miquinha Lisete na festa de natal.....	48
Figura 13 – A miquinha Lisete brincando feliz.....	49
Figura 14 – A morte da miquinha Lisete.....	49
Figura 15 – Os cachorros Bruno Barberini de Monteverdi e Max.....	50
Figura 16 – Os cachorros ao cercar Bruno Barberini de Monteverdi.....	50
Figura 17 – O mar da ilha da amiga.....	51
Figura 18 – A ilha da amiga de Clarice.....	52
Figura 19 – Instantes antes da morte dos peixinhos.....	52
Figura 20 – O fim dos peixinhos.....	53

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector é uma autora muito estudada pela literatura direcionada para adultos, mas pouco estudada em relação a sua obra infantil.

Lispector nasceu na Ucrânia em 10 de dezembro de 1925. Em 1926, dois meses depois de seu nascimento, veio para o Brasil. Ganhou vários prêmios como escritora, dentre eles o prêmio Calunga, da Campanha Nacional da Criança e morreu um dia antes de seu aniversário no ano de 1977.

Depois de ler todas as obras infantis de Lispector, *A Mulher que Matou os Peixes* chamou-nos a atenção pelo modo como a narradora fala dos bichos, a forma como conta as histórias para as crianças e pela maneira como conversa com o leitor em sua narrativa. As ilustrações da obra também despertaram interesse para a análise, pois se mostrou uma ilustração colorida, cheia de bichinhos, completando o texto.

Desse modo, este trabalho tem como objetivo analisar a obra *A Mulher que Matou os Peixes* de Clarice Lispector, com vistas à relação entre o texto literário e as ilustrações realizadas por Flor Opazo, unidos no jogo comunicativo.

Para tanto, o percurso adotado no estudo inicia-se, no primeiro capítulo, com uma discussão sobre a concepção de Literatura Infantil, a sua relevância em relação à literatura em geral, seu surgimento e atualmente como é concebida. Discutir um pouco a história da literatura infanto-juvenil é também oportuno para situar a produção literária de Clarice Lispector e a biografia da autora, destacando sua importância na nossa literatura brasileira e qual a sua contribuição para a literatura infantil.

Nesse sentido, no segundo capítulo, analisa-se a estrutura e os sentidos que a obra *A mulher que Matou os Peixes* aponta. Este estudo é fundamental para o objetivo de relacionar o texto à ilustração, tendo em vista que nesse tipo de analogia parte-se do verbal para conceber o visual. Assim, a estrutura literária potencializa os sentidos da obra, permitindo que se evidencie o motivo pelo qual a narradora faz tantas voltas para finalmente contar a forma com a qual os peixinhos morreram e o porquê da necessidade de pedir perdão várias vezes para o público leitor. Será mesmo que os pedidos de perdão pela morte dos peixinhos são para o leitor? Ou é uma forma dela mesma se perdoar? Será abordado também o quanto essa obra é carregada de traços biográficos de Clarice Lispector. Apesar de termos ciência de que autor e narrador não podem ser confundidos, não é apenas o nome que confunde a autora Clarice com a narradora-personagem de mesmo nome, como discutiremos na análise.

O último capítulo deste trabalho aborda a questão das ilustrações relacionadas ao texto literário. Para tanto, tomamos o texto como ancoragem de significação. Contudo, neste diálogo discutimos como essas duas estruturas de significação, verbal e visual, unem-se para produzirem sentidos, ora a imagem como representação do textual, ora expandindo o texto. Para realizar essa leitura, colocamo-nos na perspectiva da recepção, tendo em vista que somos leitores de nosso tempo e nossa interpretação constitui-se de acordo com nosso conhecimento de mundo e teorias encontradas para fundamentar este estudo. Durante esta análise iremos perceber o quanto é significativo o papel das ilustrações nessa obra, considerando desde a escolha das cores que figuram nas ilustrações até a posição na qual são colocadas na página para dialogar com o texto.

CAPÍTULO I – PANORAMA HISTÓRICO E CONCEITUAL DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Neste capítulo, abordaremos o que é Literatura Infantil, apresentaremos um pouco sobre a história da Literatura Infantil e a distinção de leituras para crianças e leituras para adultos. Comentaremos também, sobre adjetivo na Literatura Infantil, a questão do adjetivo infantil como uma definição de gênero, o momento em que surgiu a literatura infantil e por que está ganhando grande importância no Brasil de hoje. Será comentada a relação adulto/criança, a Literatura Infantil Brasileira, a influência de Monteiro Lobato e o porquê da Literatura ser aliada da Educação, situando, por fim, Clarice Lispector dentro do contexto da literatura infanto-juvenil no país.

1 História da Literatura Infanto-Juvenil

Segundo Cunha (1991), a história da literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias. Antes disso, a criança, acompanhando a vida social do adulto, participava também de sua literatura.

Quanto a este período, Cunha (1991) distingue dois tipos de crianças com acesso a uma literatura muito diferente: a primeira é a criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos; enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares.

Perrault e depois os irmãos Grimm são considerados colecionadores dessas histórias folclóricas estando, assim, ligados à gênese da literatura infantil. Estes autores tiveram seus contos republicados e adaptados uma infinidade de vezes a tal ponto que, hoje, tais relatos, se apresentam demasiadamente modificados.

Além dessa literatura tornada universal, vão aos poucos surgindo propostas diferentes de obras literárias infantis. Entre os autores mais importantes, podemos citar: Andersen, Carlo Colodi, Amicis, Lewis Carrol, J. M. Barrie, Mark Twain, Charles Dickens, Ferenc Molnar.

1.2 Literatura Infanto-Juvenil no Brasil

No Brasil, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Cunha (1991) afirma que foi com Monteiro Lobato que dá início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, Lobato produz uma literatura centralizada em algumas personagens que percorrem e unificam seu universo ficcional.

Monteiro Lobato fez com que a literatura infantil vivesse por muito tempo à sombra de seu nome.

A obra do criador do *Sítio do Picapau Amarelo*, ambiente rural que abriga suas personagens, se dimensiona a partir de sua interação com o grupo social ou, mais explicitamente, sua atuação como agente formador e modificador da percepção do público. O sentido da obra de Lobato se torna mais evidente quando sua produção literária é contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento de nossa história. (CADEMARTORI, 1986, p. 43).

Segundo Cademartori (1986), o revolucionário da obra de Lobato ganha maior abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós. Rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros infantis criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida.

Hans Robert Jauss (apud CADEMARTORI, 1986), postula que o leitor é uma força histórica, criadora e que uma obra pode ser apreciada a partir do papel ativo que ela possibilite a seu destinatário. É através do leitor que a obra se incorpora ao horizonte de expectativas de um dado grupo, constituindo-se em agente de mudanças.

Desse modo, a obra de Monteiro Lobato estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios que ao mesmo tempo possibilitam uma nova experiência da realidade na qual são conservadas as vivências já adquiridas, como antecipadoras das possibilidades a serem experimentadas.

Monteiro Lobato é um divisor de águas dentro da literatura infanto-juvenil brasileira, abrindo portas para outros escritores e consolidando-a como gênero literário. Depois dele, o mercado livreiro inicia um processo de expansão e difusão desta literatura, possibilitando que muitos autores se profissionalizem. Do mesmo modo, é uma fonte de inspiração para vários

escritores, como Clarice Lispector, configurando-se até mesmo em motivo narrativo, como no caso do conto “Felicidade Clandestina” da mesma autora.

2 Literatura Infanto-Juvenil: definição do gênero e relação com a Pedagogia

Como observamos, a história da literatura infanto-juvenil, principalmente a brasileira, é recente, aumentando equívocos de artistas e teóricos na sua produção, definição e análise. Segundo Cunha (1991), é caracterizada ainda por muitos como um gênero apenas transitório, considerando-se que a sociedade pode mudar sua relação com a criança, além de esta tornar-se adulto.

No conceito de Cunha (1991), o que parece importante é definir pontos de contato e de afastamento entre a literatura para crianças e para adultos. Se o afastamento se der na essência do fenômeno literário, então não haverá literatura infantil. Nesse caso, a própria expressão “literatura infantil” torna-se absurda, pois não podemos imaginar literatura sem arte.

Por muito tempo, foi comum considerar a literatura infantil como subliteratura, um gênero menor. Esse mesmo preconceito parece-nos implícito na fala dos autores que diziam não escrever para crianças. Tais escritores, muitos deles excelentes, davam a impressão de se sentirem menos importantes do que os que faziam literatura para adultos.

Atualmente, a face da literatura infantil é outra, pois ocupa um espaço bem maior que a literatura adulta, chegando a vender quatro vezes mais, conforme afirma o escritor e professor Rogério Andrade Barbosa (2005), vencedor do Prêmio de Literatura Infantil/2005. Ele também afirma, em sua entrevista dada ao site Rio Mídia em 28 de junho de 2005, que a literatura infantil no Brasil iniciou uma nova etapa a partir do final da década de 1970, quando surgiram novos escritores como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha.

Outro fator que diminui o status da literatura infanto-juvenil é a questão de render sempre tributo à pedagogia, como ocorreu originalmente. Contudo, Cunha (1991) afirma que muitas obras feitas para crianças e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador. Nesses casos, temos apenas uma pretensa literatura infantil, exatamente como, dentro da produção artística para adultos, existem também lamentáveis equívocos: há maus romances, maus poemas, maus contos. E ninguém invalida a literatura por isso.

[...] a verdadeira literatura infantil agrada também aos adultos. Quem não se enternece com a história do patinho feio, mesmo nós crescidos. Qual o adulto que não se diverte com as façanhas de Emilia?... Diante disso, podemos chegar a duas conclusões: se as crianças se prendem a apenas algumas das histórias para adultos que lhe chegaram às mãos e aos ouvidos, parece-nos lícito afirmar que existem determinadas características importantes para o gosto infantil. E se o adulto também lê com interesse a obra infantil, ela deixou de ter um leitor “transitório” apenas. (CUNHA, 1991, p. 27).

Cunha (1991) afirma que a literatura infantil não só existe como também é mais abrangente. Na realidade, toda obra literária para crianças pode ser lida pelo adulto. Todavia, a literatura para adultos, ao contrário, só serve a eles. É, portanto, menos abrangente do que a infantil.

Para Cunha (1991), a obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para adulto, diferente apenas na complexidade de concepção. Por isso, a obra *A Mulher que Matou os Peixes*, pode ser lida por crianças e adultos. A diferença é que a obra para crianças será mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa. Assim como há obras literárias extremamente simples para adultos e que são consideradas obras-primas, também a literatura infantil faz uso desses expedientes, perfeitamente aceitos pela crítica literária. Essa simplicidade de concepção deve criar também a simplicidade de linguagem.

Nessa perspectiva, segundo Cademartori (1986), a principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo que determina o público a que se destina, isto é, a separação de um tipo de assunto que interesse ou que deva interessar a um público específico, neste caso, as crianças. Não escreveríamos sobre política para uma criança ler, pois isso não prenderia sua atenção e não escreveríamos sobre sexualidade também, pois não seria um assunto adequado às crianças.

Assim, a literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público, esta é escrita a quem se sentir interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe o que interessa a esse público específico.

Quando se fala em literatura infantil, através do adjetivo, particulariza-se a questão desta literatura em função do destinatário estipulado: a criança. Desse modo, circunscreve-se o âmbito desse tipo de texto: é escrito para a criança e lido pela criança. Porém, é escrito, empresariado, divulgado e comprado pelo adulto. A especificidade do gênero vem dessa assimetria, sendo que todas as diferenças, tensões e intenções da relação adulto/criança manifestam-se, também, na literatura infantil. (CADEMARTORI, 1986, p. 21).

Ainda sobre o tema adjetivo, Cademartori (1986) afirma que a relação adulto/criança é caracterizada por um jogo de forças no qual a criança é a dependente, marcada pela carência física, intelectual, afetiva e financeira.

De acordo com Cademartori (1986), a educação formal voltou-se ao texto infantil despertada por interesses mais imediatos. A literatura infantil passou a ser vista como instrumento de uma possível expansão do escasso domínio linguístico dos alunos, um ato de fé no slogan “quem lê, sabe escrever”.

Ainda de acordo com a autora, a preocupação conteudística estava ao lado da preocupação com o ensino da língua. O texto infantil responderia a necessidade de suprir as grandes lacunas intelectuais de seu destinatário, pela presença, em alta proporção, nos textos infantis, de elementos formativos e informativos. (CADEMARTORI, 1986).

Se adquirindo o hábito da leitura a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais.

A literatura infantil, em sua origem, principalmente no Brasil, tornou-se inseparável da educação, portanto vinculada com a questão escolar, tornando-se um livro didático. No entanto, o livro infantil volta a ser literário conforme supere todo o interesse das instituições de ensino.

Conforme afirma Cademartori (1986), a escrita não pode traduzir correspondentemente a fala por ser bem menor sua capacidade de expressar sentimentos e emoções. A escrita literária, porém, apresenta uma dimensão emotiva com textos de distinta natureza. Desse modo, o convívio com a escrita literária, pelos estudantes, pode suprir lacunas deixadas pelo processo de alfabetização, dimensionando as potencialidades desse código para uma efetiva interação entre o falante e sua língua.

A literatura infantil, assim como manifestações da cultura popular e a gráfica, presta-se a que, na alfabetização, a criança dê continuidade a experiências expressivas já adquiridas e lhe seja assegurada uma relação ativa com sua língua pelo conhecimento das potencialidades expressivas do código. (CADEMARTORI, 1986, p. 81).

Cademartori (1986) ainda aponta um fragmento de grande importância para o aprendizado da língua, que seria o entendimento do que está escrito. Conforme relata em sua obra, o leitor tem de interagir com o texto, não bastando apenas saber decifrar o código da escrita, mas compreender o que está escrito.

O lugar da literatura no primeiro ano de escolaridade pode ser dimensionado a partir de uma pergunta: para que alfabetizar? Se a alfabetização for entendida como a aquisição de uma habilidade ou o domínio de um código específico, alfabetizar torna-se um ato que se esgota em si. Segundo esse ponto de vista, o primeiro ano escolar teria como objetivo um adestramento para associar informação intelectual e habilidade manual. Porém, se alfabetização for vista como a preparação de um leitor, o problema se desloca da aquisição, ou não, de uma habilidade, para a preocupação com a formação do destinatário do processo: o sujeito falante. (CADEMARTORI, 1986, p. 81-82).

Cademartori (1986) afirma que na pré-escola geralmente é posta, na bagagem da criança, narrativas orais sobre literatura infantil, pois ela ainda não sabe decifrar o código escrito, mas que isso faz com que a criança se interesse em aprender a ler. Se essa capacidade de interação com a literatura nas próximas séries for interrompida, poderá provocar uma grave ruptura no desenvolvimento linguístico desta criança.

Nesse momento, a ilustração, é um auxílio ao entendimento do aluno, pois a imagem é um signo que ele traduz facilmente. Segundo Cunha (2006), “Este sinal (ou “signo”) mantém relações tão próximas, na aparência, com o objeto representado, que é imediatamente ‘entendido’ pelo receptor”.

Desse modo, para os mais novos são indicadas obras que apresentem pequenos textos e a leitura guia-se pelas figuras. À medida que a criança avança no processo de aprendizagem da leitura, as ilustrações vão se reduzindo em favor do texto (CUNHA, 2006). No entanto, as obras ilustradas, que apresentam valor artístico, são válidas e enriquecem a leitura de adultos e crianças ao permitir um diálogo entre diferentes formas de linguagem.

3 Clarice Lispector e a Literatura Infantil: um estilo próprio

Dentro do panorama da literatura infanto-juvenil brasileira, Clarice Lispector se enquadra em um grupo que propõe uma renovação literária. A visão tradicional de criança e os valores pedagógicos explícitos aos poucos se desprendem dessa literatura, adquirindo alto valor artístico. Isso não significa que não houvessem obras de valor, como desconsiderar Monteiro Lobato, por exemplo. Contudo, não havia o fomento à produção e divulgação como ocorre a partir da década de 1970.

O reflexo dessa situação não se fez esperar: traduziu-se no desenvolvimento de um comércio especializado, incentivando, nos grandes centros, a abertura de livrarias organizadas em função do público infantil e atraiu, para o campo dos livros para crianças, um grande número de escritores e artistas gráficos que, com mais rapidez que muitos de seus colegas dedicados exclusivamente ao público não-infantil, profissionalizaram-se no ramo. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 124).

Ao aproveitar essa expansão, muitos autores, inclusive consagrados na literatura para adultos, aproveitaram a oportunidade de fazer parte desse mercado de livros, como os renomados Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1991), essa modernidade será verificada ainda na ênfase a aspectos gráficos e visuais não apenas como subsidiários do texto, mas como elemento autônomo, como nas obras de Ziraldo, por exemplo.

Essas novas obras começam a problematizar também a realidade da criança, evidenciando essas questões nos enredos e dilemas vividos pelas personagens. Todavia algumas obras desse período fogem a essa representação realista, como é o caso de Clarice Lispector. As obras da autora *A vida íntima de Laura* (1974), *O Mistério do Coelho Pensante* (1967), *Quase de verdade* (1978) e *A Mulher que matou os peixes* (1968) traduzem os dilemas “a perplexidade e a insegurança do narrador moderno” para a literatura infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 124). Esses dilemas do narrador refletem-se também na estrutura do texto literário, como analisaremos, especificamente a última, no capítulo a seguir.

3.1 Biografia e principais obras de Clarice Lispector: uma escritora leitora

Neste tópico, será abordada a biografia de Clarice Lispector, onde ela nasceu e falaremos sobre os lugares onde morou, onde estudou, serão citados também os livros que ela escreveu e os prêmios que ganhou por esses livros. Serão expostos ainda os países pelos quais Clarice passou, o que ela costumava fazer quando escrevia, em que momento da sua vida passou a escrever livros infantis.

De acordo com Nolasco (2007, p.10-11), a intelectual Clarice Lispector ocupa uma posição relevante na literatura brasileira: “Se espectro não fosse assexuado, diríamos que o fato de Clarice ser mulher contribuiu para que a marca de tal herança se inscrevesse na história de nossa cultura intelectual, posto que na outra ponta tínhamos ninguém menos que um Machado de Assis”.

Lispector é um nome russo. Clarice nasceu na Ucrânia, numa aldeia que não existe no mapa. Conforme afirma Campedelli e Abdala Junior (1981), em 1925, a família Lispector estava emigrando da Rússia para a América. Era uma família de quatro pessoas: Pedro e Marian, os pais; Tânia e Elisa, as irmãs. Mas logo seriam cinco: Marian estava grávida e, no dia 10 de dezembro, nasceu Clarice, na pequena Tchetchelnik.

Embora Clarice tenha nascido na Ucrânia sempre que era questionada de sua nacionalidade ela respondia: “Naquela terra eu literalmente nunca pisei: fui carregada de colo” (CAMPEDELLI; ABDALA JUNIOR, 1981, p.3). Clarice ainda afirmava não ter nenhuma ligação com a Ucrânia, e que sua verdadeira pátria era o Brasil. Ainda durante uma entrevista *O Pasquim* em 9 de junho de 1974, ela responde: “Não sei dizer coisa alguma sobre esse lugar. Ali apenas nasci e nunca mais voltei” (CAMPEDELLI; ABDALA JUNIOR 1981, p.3). Percebe-se, assim, que Clarice rejeita seu país de origem e, sempre que é tocado no assunto, quanto a sua nacionalidade, diz ser brasileira.

A menina de Tchetchelnik e sua família chegavam ao Brasil em 1926. Eles moraram em Alagoas e depois se mudaram para Pernambuco. Clarice passou sua infância em Recife, uma infância de menina alegre, feliz, de muitas travessuras. Fez o primário no grupo escolar João Barbalho.

Segundo Campedelli e Abdala Junior (1981, p.4), essa menina já havia nascido com o dom para escrever, com sete anos de idade aprendeu a ler e descobriu que os livros eram escritos por autores, fato espantoso para ela. Queria ser autora também e passou a escrever histórias ingênuas, assim que terminava de escrever Clarice enviava o que havia escrito para o *Diário da Tarde*, havia prêmios para os melhores, mas Clarice nunca ganhou nada.

Como no começo Clarice não fez sucesso com os contos que escrevia, então resolveu abrir mão de ficar escrevendo contos e resolveu apostar no teatro: aos nove anos conseguiu escrever uma peça que havia três atos, mais esta peça ninguém leu. Clarice guardou com todo cuidado essa peça numa estante, era uma história de amor, ela confessou mais tarde. (CAMPEDELLI ; ABDALA JUNIOR, 1981, p.4)

Percebe-se a paixão que Clarice tem pelos livros desde pequenina, a vontade que ela tinha de ficar escrevendo contos e mais coisas que tinha vontade de escrever. Clarice se sentia completa, feliz quando escrevia, era como se viver fosse escrever, e que sem escrever não existia vida para ela. Era como se estivesse morta, foi como Clarice descreveu o significado de escrever pra ela, quando foi entrevistada em uma reportagem.

Tudo o que conseguia ler, Lispector lia.

Segundo Campedelli e Abdala Junior (1981), *As Reinações de Narizinho*, o livro mais grosso de Monteiro Lobato, foi a obra que mais a encantou, não só porque era de leitura muito saborosa, mas também porque foi muito difícil consegui-la emprestada de uma livraria. Clarice lia uma página por dia, para que não terminasse logo.

Percebemos que muitos dos contos de Clarice são muito parecidos com sua vida, como no exemplo do conto “Felicidade Clandestina” (1996). Neste conto, uma menina, em que o pai era dono de livraria, exercia sobre uma colega de classe uma “tortura chinesa”, pois sabia que o sonho da menina era ter o livro *As Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato. Naquela época esse livro era de difícil acesso e poucas pessoas o tinham. Essa menina, gorda baixa a feia, filha do dono de uma livraria, disse à sua colega que possuía esse livro e que estava na casa dela e era só a colega ir buscar.

Contudo, quando ia à casa da menina pegar o livro, essa mentia, dizendo que o livro havia sido emprestado e que passasse no outro dia. Assim, foram passando os dias. Até que chegou um dia em que a mãe dessa menina má descobriu todas as maldades da filha e entregou o livro para a jovem levar e ficar o tempo que achasse necessário.

Essa menina foi tão feliz para casa, levando a obra com todo cuidado e tratando o livro como se fosse um cristal que não poderia se quebrar. Quando chegou em casa, folheou a primeira página e começou a ler algumas linhas deitada na rede. Contudo, logo em seguida parou de ler e foi fazer outra coisa justamente para não terminar a leitura e sempre ter a sensação do livro estar ali, com mais aventuras pela frente. Apertava o livro contra o peito.

Segue abaixo trecho do conto de Clarice Lispector, “Felicidade Clandestina” de 1996:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. (LISPECTOR, 1996, p. 10).

Percebemos então que esse conto diz respeito muito à vida de Clarice. O amor pelo livro que essa menina tinha era o mesmo que Clarice tinha pelos livros, ou até mais do que possamos imaginar.

Aos nove anos de idade Clarice perdeu a mãe. Em 21 de setembro de 1930, sua mãe morreu por consequência da Sífilis, supostamente contraída por conta de um estupro sofrido

durante a guerra civil Russa. Clarice sofreu muito com a morte de sua mãe, percebe-se bastante isso em alguns livros que escreve. Clarice também se culpou de alguma forma pela morte da mãe.

Clarice mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937. Ela tinha apenas doze anos, passando a morar no bairro da Tijuca. Essa época foi marcada pelo governo de Getúlio Vargas, ou Era Vargas como era conhecido esse período em que Getúlio Vargas governou o Brasil por quinze anos interrompidos. Essa época foi um divisor de águas na história brasileira por causa de inúmeras alterações ocorridas no país, tanto sociais quanto econômicas.

Clarice começou a frequentar uma escola chamada Sílvio Leite. Nessa época Clarice, apesar de ser muito nova, lia muito. Quando termina o ginásio, resolveu entrar no curso complementar de Direito, do Colégio Andrews.

Em 1940, um ano em que se dedica intensamente à leitura, Clarice frequentava diariamente uma biblioteca de aluguel. Ela leu muito durante esse ano. Entre suas leituras encontram-se vários escritores consagrados da Literatura como, por exemplo: Júlio Dinis, José de Alencar, Eça de Queirós, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Mário de Andrade e Rachel de Queiroz.

Clarice ia na biblioteca quase todos os dias. Lia muito, tudo o que podia. Não imaginava que depois de certo tempo seus livros seriam publicados e que ela poderia entrar na biblioteca e achar o próprio livro que escreveu. Clarice nessa época lia porque gostava e nem imaginava o futuro brilhante que a esperava.

Inclusive comprou um livro, por dez cruzeiros, na livraria de Katherine Mansfield. Ela não sabia quem era essa autora e muito menos imaginava que, futuramente, seria comparada a essa genial escritora Neozelandesa.

Campedelli e Abdala Junior (1981), afirmam que, durante o primeiro ano da Faculdade Nacional de Direito, em 1941, Clarice trabalhou como redatora na Agência Nacional. A partir daí começa a ter contato com muita gente e o trabalho começa a agradar, pelo fato de conhecer muitas pessoas, pela aventura e pelo imprevisto. Depois de certo tempo, passa para outro jornal: *A noite*. Começa também a escrever com muita angústia o romance *Perto de Coração Selvagem*. A angústia era porque o romance a perseguia, as ideias vinham a qualquer hora, na rua, no jornal, na faculdade, em todos os lugares. Clarice só pensava nesse romance. Assim, ela acaba aprendendo um método de escrever: anotar imediatamente as ideias, em qualquer lugar, e guardar para, depois, na hora certa em que estivesse escrevendo o

romance, usá-las. “Esse método marcou Clarice para sempre”, conforme depoimento de sua amiga, Olga Borelli. (CAMPEDELLI ; ABDALA JUNIOR, 1981, p. 4).

Clarice, onde quer que estivesse, anotava suas ideias. Se fosse num restaurante, anotava em um guardanapo, se fosse ao cinema, anotava no que encontrava pela frente, até em maço de cigarro. Assim, com esses fragmentos, aos poucos Clarice ia construindo suas obras.

Terminou *Perto do Coração Selvagem* em 1943. Nesse mesmo ano, se casa com Maury Gurgel Valente, colega de faculdade. Antes disso, Clarice havia se apaixonado por um colega de serviço, no qual pensava sempre. Ao descobrir que o homem pelo qual era apaixonada era homossexual, Clarice foi, aos poucos, esquecendo essa paixão e acabaram por se tornar grandes amigos. (CAMPEDELLI ; ABDALA JUNIOR, 1981, p.5)

Clarice e o atual esposo se formaram em 1944. Nesse mesmo ano, ela publicou o livro, pela Editora A Noite, não imaginava que seria um sucesso de público e de crítica. Como não esperava tanto, foi surpreendida pelo sucesso do livro.

Durante o casamento, Clarice teve de enfrentar uma nova vida ao lado do marido, por força da profissão, diplomata de carreira. Por isso, ela viveu quinze anos fora do Brasil. Era ainda muito nova. Quando chegou a Nápoles na Itália, tinha apenas dezenove anos de idade, era no ano de 1944.

A Europa estava em guerra, no começo ela foi ajudante em um hospital de soldados brasileiros. Depois, dedicou-se exclusivamente a escrever *O lustre*, o segundo romance de Clarice Lispector, uma obra de extrema beleza.

Pelo primeiro romance, Clarice ganhou o prêmio Graça Aranha em 1944. Mesmo assim, esse prêmio não fez com que ela se considerasse uma escritora profissional. De acordo com Campadelli e Abdala (1981), essa ideia sempre a incomodou. Ela sempre dizia que era uma escritora amadora. Isso era dito pela própria escritora toda vez que era feita uma pergunta parecida nas entrevistas que respondia.

A autora nunca deixava de escrever, sempre estava escrevendo. Certa vez, em uma entrevista, foi feita a seguinte pergunta: “Se você não pudesse mais escrever você morreria?” e Clarice respondeu: “Quando não escrevo, estou morta!”. (LISPECTOR, 1977).

Percebe-se então que escrever pra ela era tudo, era sua própria vida. Clarice escrevia com amor, com paixão. Escrevia porque se sentia bem escrevendo, a vida não tinha sentido se não escrevesse. Clarice inclusive tinha um horário no qual sempre escrevia, que era em torno das quatro e meia da madrugada. Ela costumava tomar café enquanto isso, mas lógico, como a

autora mesmo diz e como já foi mencionado, se as ideias surgiam, ela anota, depois continua a escrever.

Em 1949, nascia o primeiro filho de Clarice, chamado Pedro. A escritora levava muito a sério o papel de mãe. Por isso, acaba modificando alguns costumes e passa a ter de se adequar à nova vida, tendo que cuidar do bebê e escrever ao mesmo tempo com a máquina no colo. Desde então, Clarice nunca mais abandonou esse hábito de escrever com a máquina ao colo, uma forma provisória, mas muito eficiente.

Assim que virou mãe, Clarice então começa a dedicar-se a escrever contos.

O segundo filho de Clarice nasceu em Washington, pois ela havia se mudado para lá, onde morou oito anos. Nessa época, a escritora começou a escrever o romance *A Maça no Escuro*, o livro foi terminado em 1956. Por esse livro, ganhou o prêmio Cármen Dolores Barbosa, em São Paulo. A difícil gestação deste volume resultou num de seus melhores trabalhos.

Clarice não só escrevia livros, não parava para cuidar só de seus livros, a escritora ainda tinha que tomar conta da casa, dos bichos da casa, que eram vários: coelhos, pintinhos, cachorro e outros.

Em 1960, no mesmo ano em que se separou de seu esposo Maury Gurgel Valente, Lispector escrevia novos contos, como, por exemplo, *Laços de família*.

Após a separação, Lispector voltou para o Brasil, indo morar no Rio de Janeiro, num apartamento no Leme, desta vez definitivamente. Em 1964 publica dois livros ao mesmo tempo: *A legião estrangeira* e *A Paixão Segundo G.H.*

Quando Clarice ainda morava em Washington, seu filho Paulo perguntou por que ela não escrevia um livro para crianças. Emocionada a escritora se lembrou de uns coelhos que o filho tinha quando criança: tema para *O Mistério do Coelho Pensante*, editado em 1967, em que ganha o prêmio Calunga, da Campanha Nacional da Criança. Entusiasmada não pelo prêmio, mas pela infância, escreveu ainda *A mulher que Matou os Peixes*, *A vida Íntima de Laura* e *Quase de Verdade*.

Segundo Campadelli e Abdala Junior (1981), um dia Clarice distraída fumando na cama antes de dormir, esqueceu o cigarro aceso. Acordou quando o quarto já estava em chamas. Ela queimou a mão direita e as pernas e passou três dias difíceis no ano de 1967. Teve de fazer enxerto na perna e, mesmo passando por todo esse sofrimento, ergueu a cabeça e continuou a lutar pela literatura e pelo ganha pão. Este, segundo os autores, foi um ponto importante em sua vida.

Muitos implicavam e diziam que Clarice era uma pessoa difícil. Mas Clarice sempre dizia: “Não sou nenhum bicho papão!” (CAMPEDELLI; ABDALA JUNIOR, 1981, p.6). Ela dizia isso porque achava que seus colegas de serviço a achavam muito solitária. Mas isso realmente é verdade, Clarice se mostrava uma mulher muito solitária, de poucos amigos.

A fama leva-a a viver muito isolada. Quando seus filhos cresceram, seguiram seus caminhos. Depois disso, a escritora vivia em seu apartamento no Leme com uma governanta chamada Ciléia Marchi, também sua enfermeira e doméstica. Além do cão Ulisses companheiro inseparável. Clarice gostava tanto desse cão que o introduziu em um de seus contos infantis, até o nome do cachorro é o mesmo. Clarice tinha uma paixão por animais, adorava-os. Os animais que mais gostava eram o cachorro e um coelhinho, inclusive em um de seus contos, o *Mistério do coelho pensante*, utiliza-o como personagem principal.

A maioria dos contos infantis de Clarice tem a ver com a sua vida e sua realidade. É como se Clarice escrevesse, nos seus contos infantis, tudo o que viveu na sua infância. Acredita-se que esse é um dos motivos de seus contos prenderem tanta a atenção dos leitores, é pelo fato dos contos tocarem o real.

Um dos contos que Clarice escreveu, e o que tem uma moral no enredo incrível, é “Felicidade Clandestina”. Como falado anteriormente é um conto maravilhoso e nos remete um pouco da paixão de Clarice pelos livros. Com este conto ganhou o prêmio Golfinho de Ouro, também muito merecido. Esse conto é muito gostoso de ler e passa para a ideia da importância que um livro pode ter na vida de uma criança, de um adulto, de um idoso. Na verdade, para ler não existe idade, existe um gostar. Gostar desse que está dentro de cada ser humano.

Pelo conjunto de sua obra, em 1976, Clarice ganhou o primeiro prêmio do X Concurso Literário Nacional de Brasília. Também nesse ano recebeu um convite estranho: representar o Brasil no Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá, Colômbia.

Clarice realmente é uma ótima escritora. Apesar de todas as dificuldades que enfrentava, a cada dia que se passava, dedicava-se cada vez mais a escrever livros. Clarice sempre estava escrevendo, era o que a fazia se sentir bem – fazia a vida dela ter sentido.

Os últimos anos de sua vida foram particularmente dedicados à produção de seus livros. Seu último livro foi *A Hora da estrela*. Ao escrever o livro, parece que ela sentia que seu fim se aproximava. Ao analisar o título, percebe-se isso, como, por exemplo, “A Hora” e “Estrela”, nesse caso, a estrela seria Clarice, então chegaria “A Hora de Clarice”. É

Interessante nesse último livro observar que, no final, a personagem principal morre. Clarice nesse livro tenta passar algo parecido: a chegada de sua hora.

O triste ano de 1977 é o de sua morte.

Clarice não se sentia bem, então em novembro dirigiu-se a um médico para fazer exames. O diagnóstico veio implacável: câncer generalizado, não havia mais nada a fazer. No dia 16 de novembro, foi internada para um tratamento impossível.

Ela pressentia o fim. Tirou do braço o relógio e um amuleto de cobre inseparável. Deu-os a Olga Borelli: “Guarde isso, não vou mais precisar”. (CAMPEDELLI; ABDALA JUNIOR, 1981, p.7).

Ela morre no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes de seu aniversário. Clarice queria ser enterrada no cemitério São João Batista, porque achava que era mais perto, logo os familiares e amigos iriam visitá-la mais frequentemente. Contudo, seu pedido não foi atendido. Ela foi enterrada no cemitério Comunal Israelita, no Caju.

CAPÍTULO II - ANÁLISE ESTRUTURAL E INTERPRETATIVA DA OBRA *A MULHER QUE MATOU OS PEIXES* DE CLARICE LISPECTOR

O enredo do livro *A Mulher que Matou os Peixes* de Clarice Lispector refere-se a uma mulher, responsável por narrar a história, que matou dois lindos peixinhos vermelhos, os quais jurava não ter culpa de suas mortes. Antes de revelar o motivo pelo qual os matou, a narradora conta um pouco sobre os animais de estimação que teve no passado, mencionando até os insetos que nunca teve coragem de matar. Essa personagem-narradora afirma não ter culpa pelo fato e apela para que os leitores acreditem nela.

A narradora inicia afirmando que pode apenas dizer que os peixinhos morreram de fome. Conta que uma vez, na infância, teve uma gata, que teve um monte de gatinhos, e amava quando isso acontecia. A casa ficava mais alegre. Contudo, uma vez a gata e sua última ninhada foram doadas e isso fez com que ficasse muito triste e até doente, com muita febre.

O nome da mulher que matou os peixes é Clarice. Ela se refere aos insetos que vivem em sua casa como bichos naturais e exemplifica dizendo que bichos naturais são aqueles que a gente não convidou e nem comprou:

Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. [...] minha casa tem bichos naturais. Bichos naturais são aqueles que a gente não convidou nem comprou. Por exemplo, nunca convidei uma barata pra lanchar comigo. (LISPECTOR, 1999, p. 9).

Para realizarmos esta análise, devemos ter conhecimento da diferença entre autor e narrador. Nas obras infantis de Clarice Lispector, é muito fácil confundir esse dois termos, pois a autora conta histórias que aconteceram em sua própria vida, ficando muito fácil a confusão entre essas categorias narrativas, pois a própria Clarice Lispector parece estar dentro da obra. Nesta obra, em questão, a autora ainda dá o próprio nome à narradora-personagem, confundindo ainda mais os leitores.

Outro elemento da obra de Lispector (1999), que faz com que o leitor confunda a autora com a narradora, é o trecho: “Meu livro sobre coelhos se chama assim: ‘O Mistério do Coelho Pensante’. Gosto muito de escrever histórias para crianças e gente grande” (LISPECTOR, 1999, p.12). A obra *O Mistério do Coelho Pensante* é de sua autoria, publicada pela editora Rocco no ano de 1999.

Autor é o escritor da obra, é uma pessoa real, que vive em nosso mundo, tem uma visão sobre ele e a exprime em termos artísticos ou científicos. Narrador é um ser que pertence a história e só começa a existir no momento em que se abre o livro.

A distinção entre *autor* e *narrador* é fundamental para o desenvolvimento do estudo do texto narrativo a partir de princípios e metodologia científicos. A primeira coisa que se deve saber sobre o narrador é que ele é uma categoria específica de personagem, e não deve, portanto, ser confundido com o *autor* do texto, por mais próximo que pareça estar deste. Autor, para ficarmos com uma simplificação extrema, é aquele que cria o texto e narrador é uma personagem que se caracteriza pela função de, num plano interno à própria narrativa, contar a história presente num texto narrativo. (FRANCO JUNIOR, 2005 p.33)

Assim, apesar de termos ciência da distinção entre estes dois conceitos, na análise da obra em si, verificamos a dificuldade em distanciá-los nos textos literários de Clarice Lispector, por sua biografia refletir-se na construção das personagens.

No caso deste livro analisado, observamos que o narrador, por narrar em primeira pessoa, é também uma personagem, tornando-se um narrador-personagem ou, conforme descreve Coelho (1987), narrador confessional ou intimista. “[...] narrador confessional ou intimista (que é um eu-autor que registra experiências pessoais para comunicá-las aos outros).” (COELHO, 1987, p. 47).

Retomando o enredo da obra, Clarice assume que tem medo de ratos e de baratas, mas que nem por isso ela matou qualquer um deles, pelo menos não com suas próprias mãos, mas assume que já mandou matá-los chamando um dedetizador. Ela fala, também, sobre as lagartixas que moravam em sua casa e que não foram convidadas, assim como as baratas, os ratos, os mosquitos e outros insetos:

Minha casa tem muitos bichos naturais, menos rato, graças a Deus, porque tenho medo e nojo deles. [...] Por exemplo: tenho baratas. E são baratas muito feias e muito velhas que não fazem bem a ninguém. Pelo contrário, elas até roem a minha roupa que está no armário. [...] Eu fiz o seguinte: paguei um dinheiro para um homem que só faz isso na vida: matar baratas. Esse homem faz uma coisa que se chama dedetização. [...] O outro bicho natural de minha casa é a lagartixa pequena. (LISPECTOR, 1999, p. 9-11).

Menciona também os bichinhos que convidou, dizendo que alguns bichinhos não bastam ser convidados, é preciso pagar um dinheiro para o dono deles, para que possam vir para a nossa casa. Ela cita, como exemplo, dois coelhos que teve, muito misteriosos e que resultou no livro *O Mistério do Coelho Pensante* e que adora escrever para crianças.

A narradora deixa bem claro na narrativa, os animais que são bem vindos em sua casa, e os que não foram convidados. Para tanto, coloca os bichos em dois grupos: os que são convidados e bem vindos em sua casa e os que não foram convidados.

A narradora enumera os animais que teve: dois patos comprados e dois cachorros. O primeiro cachorro teve quando morava na Itália, sendo que este, um vira-lata, encontrou enquanto andava pela rua, mas, infelizmente, depois de um tempo, teve de mudar de país e não pode levar o cachorro, ao qual deu o nome de Dilermando. O segundo comprou nos Estados Unidos. Seu nome era Jack. Ela achava Jack menos inteligente que Dilermando, mas mais corajoso. Infelizmente, um vizinho incomodado com as latidas de Jack disse que, se não dessem o cachorro para outra família cuidar, ele o mataria com um tiro na cabeça, ficando Clarice obrigada a entregar Jack para uma família que morava num sítio.

Certo dia apareceu um macaco no terraço e todos os moradores foram vê-lo, mas esse macaco estava tão bravo que jogava cascas de banana em todo mundo. Depois de um tempo o macaco continuou no terraço e a personagem se tornou amiga dele.

Tempos depois, Clarice comprou uma macaquinha, à qual deu o nome de Lisete. Essa macaquinha dormia o dia inteiro, ficava parada num canto. Um dia, Clarice resolveu levá-la num veterinário, mas a macaquinha Lisete estava doente e infelizmente morreu. Percebemos aqui que a narradora fala sobre a morte, um tema abordado desde o início da obra, como verificamos no título: *A Mulher que Matou os Peixes*.

Os seus filhos ficaram muito tristes e, para fazê-los dormir, Clarice contou a narrativa de dois cachorros que brigaram ferozmente e se machucaram muito. Depois, brigaram novamente até um matar o outro. Posteriormente, esse cachorro que matou o outro foi cercado por vários cachorros da vizinhança e morto por eles. Notamos novamente o tema morte na narrativa, podemos perceber que a narradora comenta muito sobre essa questão.

Clarice narra a história de uma moça que ganhou de presente de aniversário um periquito australiano. Ela só ganhou a fêmea, mas esse tipo de periquito não pode viver separado de seu casal, pois morrem de tanta saudade e foi o que aconteceu: a periquita adoeceu de tanta saudade.

Depois de várias histórias tristes, Clarice passa a contar uma história boa. Fala sobre a ilha de uma amiga, onde tem vários tipos de peixes. É uma ilha encantada. A amiga e um grupo de amigos encontraram nessa ilha a cidade das borboletas. No fundo do mar, lá é azul e de todas as cores por causa dos ouriços coloridos, das estrelas-do-mar e das algas que se movem dando esse colorido ondulante.

Os bichos da terra dessa ilha são os pássaros de todas as cores e tamanhos. Também existem nessa ilha muitas cobras e lagartos. Esse lugar é tão grande que a dona dele ainda não conheceu tudo. Há uma parte selvagem que nunca foi explorada. Nessa ilha também tem várias frutas gostosas e a água é canalizada: “A água para beber foi canalizada com os bambus enormes da ilha” (LISPECTOR, 1999, p.28).

Clarice conta que uma amiga sua tinha um cachorro que latia tanto que, às vezes, ela tinha vontade de latir de volta. Percebemos que o cachorro irritava a narradora ao extremo ao ponto de dizer que tinha vontade de latir de volta. Assim, podemos observar uma característica humana, pois quando passamos muita raiva, acabamos sendo irracionais. Foi o que aconteceu com a narradora, ela perdeu totalmente a paciência. Outra amiga tinha uma cadela chamada Bolinha, a cadela era tão especial que parecia gente.

“De cavalo não tenho nenhuma história para contar, e é uma pena, porque cavalo é um animal de grande beleza.” (LISPECTOR, 1999, p.30). Podemos perceber aqui que a narradora faz uma volta enorme para chegar ao fim e dizer como matou os peixinhos. Se ela não tinha nenhuma estória de cavalo para contar, para que mencionar aqui no livro? Está é uma estratégia usada pela narradora para deixar o público leitor ansioso e curioso para saber como foi a morte dos peixinhos.

Clarice, enfim, conta como matou os peixes. Ela começa dizendo que seu filho foi viajar por um mês e mandou que ela tomasse conta de dois peixinhos vermelhos dentro do aquário. Contudo, era tempo demais para deixar os peixinhos aos seus cuidados. Não que ela não fosse de confiança, porém era muito ocupada escrevendo histórias para gente grande e para crianças. Logo, como uma mãe ou empregada que esquece uma panela no fogo e quando vai ver já queimou toda a comida, ela fez com os peixes. Estava tão ocupada escrevendo histórias que, simplesmente, fez uma coisa parecida, como deixar a comida queimar no fogo: esqueceu de dar comida aos peixes durante três dias. Além de dar comida, ela deveria sempre trocar a água do aquário para que nadassem em água limpa.

A narradora-personagem é diferente das outras mães, pois em vez de cuidar da casa, da panela no fogo, cuidar dos afazeres como dona de casa, ela fica escrevendo o tempo todo. A vida da personagem Clarice é escrever. Isso nos remete muito à vida da autora Clarice Lispector, porque ela era uma escritora muito atarefada e diferente das outras mães e donas de casa, pois sua vida era escrever, assim como nossa narradora-personagem. A autora usa a personagem Clarice para contar algumas características de si mesma.

Clarice explica que a maioria dos bichinhos faz barulho quando estão com fome, mas infelizmente os peixes não fazem barulho algum e quando foi vê-los, estavam parados, magros, vermelhinhos e, infelizmente, mortos de fome:

Devem ter passado fome, igual a gente. Mas nós falamos e reclamamos, o cachorro late, o gato mia, todos os animais falam por sons. Mas o peixe é tão mudo como uma árvore e não tinha voz para reclamar e me chamar. E, quando fui ver, estavam parados, magros, vermelhinhos – e infelizmente já mortos de fome. (LISPECTOR, 1999, p. 31).

No final do enredo, ela pergunta se os leitores ficaram zangados com ela e então pede perdão, dizendo que ela ficou muito zangada com a sua própria distração. Ela pede novamente perdão e se desculpa dizendo que, de agora em diante, nunca mais ficará distraída:

Vocês ficaram muito zangados comigo porque eu fiz isso? Então me deem perdão. Eu também fiquei muito zangada com a minha distração. Mas era tarde demais para eu me lamentar. Eu peço muito que vocês me desculpem. Dagora em diante nunca mais ficarei distraída. Vocês me perdoam? (LISPECTOR, 1999, p. 31).

Pelo fato de a narrativa ser feita para crianças, a linguagem usada na obra é muito simples e de fácil compreensão. Ela estabelece uma proximidade com o leitor que faz com que este se sinta parte da obra, a toda hora ela convida-o a interagir com a história.

A Clarice narradora tem a necessidade de se desculpar com os leitores pelo fato de ela mesma se sentir culpada pelo ato que praticou, ou no caso, deixou de praticar, pois deixou de fazer algo que causou a morte dos peixes.

A Clarice autora poderia apenas ter contado como foi a morte dos peixes em sua obra, mas isso não traria nenhuma emoção aos leitores. Portanto, foi necessário que a autora colocasse, na obra, elementos que deixassem os leitores intrigados com a forma pela qual os peixes morreram.

Não contente com isso, a narradora angustiada precisava de um perdão. Se ela simplesmente falasse que tinha matado dois peixinhos sem querer, com certeza não teria o perdão que necessitava. Por isso, ela conta várias histórias de animais que teve, para que os leitores vissem que ela adora animais, fazendo com que eles não a julgassem como uma personagem má, mas como alguém que adora bichos de estimação.

Desse modo, observamos que os principais temas apresentados neste livro são a morte e a culpa. Clarice, a narradora, tenta se desculpar e obter o perdão dos leitores diante da tragédia que ela ocasionou aos dois peixinhos. Conta histórias sobre os animais de estimação

que teve na sua infância e na vida adulta, tentando expor aos pequenos leitores, que adora animais, que apesar de ter deixado os peixinhos morrerem de fome, não teve nenhuma intenção em matá-los.

Clarice trata, além da morte dos “vermelhinhos”, era assim que chamava os peixinhos, também a morte de Lisete, uma miquinha comprada de um contrabandista e que viveu pouco com a família, mas que se tornou muito amada por todos. A perda da miquinha foi anunciada com muito pesar e sensibilidade para que as crianças não ficassem tão chocadas com a notícia.

No dia seguinte o veterinário telefonou avisando que Lisete tinha morrido durante a noite. [...] Fiquei com os olhos cheios de lágrimas e não tinha coragem de dar a notícia ao pessoal de casa. Afinal avisei a todos, e todos ficaram muito, muito tristes. De pura saudade, um de meus filhos perguntou: _ “Você acha que ela morreu de brincos e colar?” Eu disse que tinha certeza que sim, e que, mesmo morta, ela continuava linda. (LISPECTOR, 1999, p. 20-21).

Cabe ressaltar que o tema “Morte” é, tradicionalmente pouco adotado em textos infantis, porém Lispector, em suas obras, consegue tratar deste tema de forma amena, sem chocar os pequenos leitores. Sobre o tema “culpa”, podemos dizer que a autora, Clarice Lispector, possa, talvez, sentir-se culpada por um fato semelhante que tenha acontecido em sua vida real e, com esta narrativa, tenta conseguir, através da narradora Clarice, o perdão dos filhos e o próprio perdão.

Clarice é a principal personagem do livro. É uma mulher que se sente culpada por ter matado, de fome, dois peixinhos. É a narradora de toda a história que, depois de expor toda sua experiência com animais de estimação, desde a sua infância até a sua vida adulta, conta como matou os peixinhos e tenta se desculpar com os leitores, pedindo seu perdão.

Esta personagem intensifica o drama nos momentos em que a narradora quer chamar a atenção do leitor, objetivando cativar o leitor para que, no fim da obra, consiga o perdão de todos os leitores. Podemos considerá-la, segundo a classificação quanto ao seu grau de densidade psicológica como uma personagem redonda.

Redonda é aquela que apresenta um alto grau de densidade psicológica, ou seja, marca-se pela alinearidade no que se refere à relação entre os atributos que caracterizam o seu (a sua psicologia) e o seu fazer (as suas ações). Noutros termos: apresenta maior complexidade no que se refere às tensões e contradições que caracterizam a sua psicologia e as suas ações. Tal personagem é imprevisível, surpreendendo o leitor ao longo da narrativa, pois representa de modo denso a complexidade, os conflitos e as contradições que caracterizam a condição humana e, nesse sentido, não é redutível aos limites de uma categoria social. (FRANCO JUNIOR, 2005, p.39)

Esta personagem surpreende o leitor a todo momento com novas histórias, das quais nem sabemos o que irá acontecer e conta várias histórias tristes e algumas alegres, a cada história que se inicia o leitor não sabe se vai se deparar com um final feliz ou triste. Sendo assim nossa personagem imprevisível e surpreendente.

Os peixinhos vermelhos são as personagens que se destacam pela forma como são colocadas na obra. Apesar de serem mencionadas muito pouco em todo o livro, é em torno da morte destas personagens que a trama toma forma.

A narradora sempre chama os peixes de “vermelhinhos”, pois era um apelido que davam aos peixes em sua casa. “Estou com esperança de que, no fim do livro, vocês já me conheçam melhor e me deem o perdão que eu peço a propósito da morte dos dois ‘vermelhinhos’ – em casa chamávamos os peixes de ‘vermelhinhos’.” (LISPECTOR, 1999, p. 7).

As outras personagens são os animais de estimação que Clarice teve: a gata e seus filhotes, os patos, os dois cachorros, o mico e a miquinha. Há ainda outros animais que fazem parte de outro contexto, de uma história dentro da história, que é o caso dos cachorros que acabaram se matando.

Podemos observar que a narradora menciona vários outros animais na narrativa. Estes animais fazem parte da trama para mostrar o caráter da personagem-narradora, para mostrar que ela gosta de animais e que não poderia matar os peixes apenas por vontade.

Apesar destas personagens não se comunicarem com o leitor ou com a narradora, não terem voz ativa ou narrativa, têm um papel muito importante dentro da obra, que é mostrar aos leitores a índole da narradora para que estes, no final do livro, a perdoem pelas próprias mortes.

Podemos verificar também que, em toda a obra, não há diálogo mas há comunicação entre as personagens, somente há comunicação entre narradora e leitores.

Nesta obra de Clarice Lispector, a narradora também se chama Clarice, porém não podemos confundir autora com narradora. Devemos saber diferenciar a autora Clarice Lispector, que é a pessoa que escreveu a obra, da narradora Clarice, que é a narradora que, narrando em 1ª pessoa a maior parte dos acontecimentos, se submete a ser um narrador-personagem ou ainda narrador protagonista.

Narrador protagonista – Esse foco narrativo caracteriza um narrador que narra necessariamente em 1ª pessoa, limitando-se ao registro de seus pensamentos, percepções e sentimentos. Narra, portanto, de um centro fixo, vinculado necessariamente à sua própria experiência, já que, como o próprio nome diz, é o protagonista da história narrada. Pode valer-se tanto da cena quanto do sumário, aproximando ou distanciando o leitor da história narrada; (FRANCO JUNIOR, 2005, p. 42).

A narrativa muda de 1ª para 3ª pessoa apenas em alguns trechos onde são contadas histórias de animais passadas com outros bichos, podendo caracterizar, nestes momentos, um narrador-onisciente. Segundo Coelho (1987), narrador onisciente é aquele que se apresenta como autor: se assume como testemunho de seu tempo e transfigura a realidade vivida em literatura, para comunicá-la aos outros: “E assim é que Bruno Barberini de Monteverdi morreu para todo o sempre” (LISPECTOR, 1999, p. 25). A forma com que se narra a história faz com que o leitor se sinta parte da obra. Convida-se o leitor a participar do livro como personagem. Como podemos observar no trecho: “Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam?”. (LISPECTOR, 1999, p. 9).

Com o modo que conduz a narrativa, com as palavras e os termos em geral que utiliza, faz com que o leitor crie uma sensação de proximidade muito grande com a narradora, como se fosse uma amiga íntima do leitor. Conforme podemos perceber, ela toma uma posição de narrador-personagem protagonista, pois narra a história de dentro dela, conforme seu ponto de vista, isto é, narra os fatos conforme se lembra e sendo, também, a personagem principal da história.

Assim, o narrador é a personagem principal da diegese, participa direta e ativamente na narração da sua história e discursa em 1ª pessoa. Podemos afirmar ainda que o narrador, neste caso, é autodiegético, segundo definição de Aguiar e Silva (1988, p.762): “Subtipo do narrador homodiegético, o narrador autodiegético é aquele que é co-referencial com o protagonista da narrativa, narrando sua própria história.” Aguiar e Silva (apud FRANCO JUNIOR, 2005, p. 40).

Esse tipo de narrador, o autodiegético, possibilita entender que o autor da obra está expondo, através do narrador, fatos reais que aconteceram consigo.

O tempo da obra *A Mulher que Matou os Peixes* é o tempo da narração, isto é, dura o tempo em que a narradora/autora tenta convencer os leitores infanto-juvenis de que não teve culpa na morte dos “vermelhinhos”. É o tempo suficiente da narração da história.

Talvez pareça um pouco confuso o tempo desta obra, pelo fato de Clarice expor experiências até mesmo de sua infância. Contudo, estas experiências não são vividas no instante, apenas são lembradas pela narradora e colocadas dentro da história como

memórias, fazendo com que o tempo da obra não se inicie com sua infância, mas com o começo desta narrativa.

Para que isso fique bem esclarecido, podemos mostrar exatamente onde começa o tempo da obra, citando os trechos: “Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu [...] _ É porque no começo e no meio vou contar algumas histórias de bichos que eu tive [...] Vou contar antes umas coisas muito importantes para vocês não ficarem tristes com o meu crime”. (LISPECTOR, 1999, p. 7-8).

Diante destes breves comentários nas duas primeiras páginas da obra, já podemos observar que o tempo é simplesmente o da narrativa, não importando o quão atrás no tempo a narradora volte para contar algumas histórias de sua vida.

Percebemos que, durante todo o enredo, aparecem vários cenários diferentes em que a narradora relata onde viveu suas experiências com animais. Porém o local exato onde ocorre o enredo é o “eu” da narradora, descrevendo apenas em alguns trechos da obra as características de onde ela se encontra durante o desenrolar do ato narrativo. O local exato onde acontece o enredo pode ser a casa da narradora, como podemos ver no trecho: “Também tivemos aqui em casa dois patos comprados”. (LISPECTOR, 1999, p. 13).

Isso mostra que a narradora trabalha muito pouco o espaço da obra, pois não é de interesse do leitor, neste tipo de obra, as características gerais do espaço onde se passa a trama, mas o desenrolar dos fatos.

Concluimos que a obra da autora Clarice Lispector *A Mulher que Matou os Peixes* é bem diferente das demais histórias escritas para crianças e que não segue uma ordem cronológica. A narradora conta a história conforme vai lembrando-se das coisas que já aconteceram em sua vida, fazendo toda uma volta para chegar ao final do enredo. A narradora consegue com que o público leitor faça várias viagens, há diferentes lugares, prendendo assim toda a atenção dos mesmos.

Percebemos também a necessidade que a narradora tem em pedir desculpas aos leitores pela morte dos dois peixinhos vermelhinhos. Ela sente uma necessidade muito grande, até pelo fato dela mesmo não ter se perdoado. A busca pelo perdão dos leitores e o perdão dela mesmo, faz com que a narradora passe um desespero perceptível para o público leitor, marcas do narrador moderno.

Não é apenas o enredo em si que desperta a atenção da obra, como destacamos, no próximo capítulo, mediante uma análise interpretativa das ilustrações da obra de Lispector até aqui analisada, tendo em mente o diálogo entre imagem e texto.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO *A MULHER QUE MATOU OS PEIXES*

A obra de Clarice Lispector *A Mulher que Matou os Peixes* refere-se à morte de dois peixinhos vermelhos que morreram por falta de alimento, como já discutimos em relação ao texto literário. Após essa análise do texto, o objetivo agora é problematizar as ilustrações desta obra feitas pela ilustradora Flor Opazo. A escolha desta análise se deu pela curiosidade em saber como as imagens ilustradas possibilitam a construção de sentidos relacionados ao texto.

Percebe-se que a ilustração é muito importante para uma pré-interpretação dos livros, pois prende a atenção das crianças e faz com que sintam interesse em ler a obra. Muitas vezes uma criança, no momento de escolher um livro, leva em consideração o desenho que se apresenta na capa. Essas ilustrações são encontradas também nas páginas do livro. Isso faz com que, antes mesmo que o leia, já saiba do que se trata o enredo a ser lido.

Cabe ressaltar que esta obra de Clarice Lispector foi publicada por várias editoras em anos diferentes. Dentre as publicações feitas, podemos citar a edição de 1983, da editora Nova Fronteira, quando as ilustrações foram feitas por Carlos Scliar um desenhista e gravurista que participou constantemente de exposições no Brasil e em todos os centros artísticos mundiais, registrando sempre absoluto sucesso. Nasceu em 21 de junho de 1920 em Santa Maria da Boca do Monte, RS, e faleceu em 28 de abril 2001 no Rio de Janeiro. A edição escolhida para este estudo refere à edição de 1999, feita pela editora Rocco, com ilustrações de Flor Opazo.

Flor Opazo é uma artista plástica chilena que fez ilustrações de várias obras de Clarice Lispector. No ano de 2008, a editora Rocco começou um projeto de relançamento da obra completa de Clarice Lispector, sendo Flor Opazo a artista escolhida para assinar as 17 obras de Clarice que foram relançadas. (CORDEIRO, 2012).

De acordo com Paio e Oliveira (2006), o livro infantil, desde seus primórdios, tem promovido formas de diálogos entre a imagem e o texto verbal: “Diálogos nem sempre dialógicos, isto é, dando lugar ao cruzamento de vozes diversas em sintonia no espaço textual”. (PAIO; OLIVEIRA, 2006, p. 16). Contudo, observa-se que esse diálogo, na verdade, esconde um tom único, monológico, privilegiando a informação construída pelo texto verbal em detrimento do visual. Logo, “A imagem transforma-se num simples apêndice ilustrativo da mensagem lingüística”. (PAIO; OLIVEIRA, 2006, p. 16).

A explicação, apontada por Paio e Oliveira (2006, p. 16), é que neste momento entra em cena a função pedagógica que se apropria da imagem para “materializar, determinar e

preencher aquilo que poderia se transformar, pela imaginação do leitor-criança, num campo vago e impreciso de possíveis construções imagéticas”.

Nesse caso, a ilustração surge como forma de concretização do dito: características físicas de personagens, ações por elas praticadas, pontos chave do enredo, entre outros que se deseja gravar na memória do receptor.

É a conexão, por contigüidade e subordinativa, texto-ilustração que permite maior eficácia do processo comunicativo, garantindo que as informações nucleares da narrativa, graças ao estímulo da imagem, criem hábitos associativos tais que sejam inscritos diretamente no pensamento da criança com o mínimo de esforço e com o menor dispêndio de energia possível. (PAIO; OLIVEIRA, 2006, p. 16).

Assim, é um modo de atestar a veracidade da narração, conferindo à palavra-geral e simbólica um caráter de índice, de existente real e individualizada. Isso é o que ocorre com a maioria das obras ilustradas. No entanto, elas devem permitir um diálogo com o texto.

Segundo Paio e Oliveira (2006, p. 18):

Figura passa a designar, agora, um tipo de construção icônica, seja ela visual, sonora ou verbal, estruturada com base em alguma semelhança que une a forma qualitativa do signo àquela do objeto que representa. Figuras que, mais do que representar, desejam ser, apresentar os objetos pertencentes a realidades de outra ordem: aquelas das formas possíveis, cuja existência se deve ao fato de poderem ser imagináveis, independente da conformação da experiência e da razão.

Nessa perspectiva, as figuras visuais se constroem de formas analógicas, mediante a semelhança e o contraste entre linhas, figuras, planos, cores, espaços. Essa aproximação não significa que as formas visuais devam reproduzir os objetos existentes na realidade visível, nem as informações textuais literalmente. É preciso que haja um valor artístico nessas ilustrações. Não devem ser pura representação do texto, mas dialogar com este, constituindo-se também em uma unidade de sentido.

Não podemos esquecer que a ilustração apresenta a leitura que um artista fez do texto feito por outro artista – o escritor. Assim, como o texto artístico permite muitas leituras (uma das quais, a da pessoa que o ilustrou), o mínimo que a ilustração tem de fazer é ser ela também tão conotativa, cheia de sugestões, que não impeça outras leituras do texto, mas sim dê às crianças a oportunidade de imaginar, recriar, ir além do próprio desenho. (CUNHA, 2006, p. 75).

Logo, a abordagem adotada neste estudo propõe estudar a imagem sob o ângulo da significação. Desse modo, considera-se o modo de produção de sentidos da imagem, ou seja,

a maneira como provoca significações, tendo em vista o texto como a ancoragem de significação da ilustração.

Na interpretação dessas imagens relacionadas ao texto literário, colocamo-nos também na perspectiva da recepção. Isso nos exime de considerar o que o ilustrador ou autor quis dizer com o texto ou imagem, até por que este não domina toda a significação do texto, mas a significação que nós, enquanto leitores, podemos lhe atribuir.

O fator que possibilita esse diálogo entre a imagem ilustrativa e o texto literário é considerar ambos como texto, unidade significativa. Este é o método adotado por Barthes (1980 apud JOLY, 1996, p. 12), ao considerar que a imagem tem a mesma estrutura que o signo linguístico, proposta por Saussure: um significante ligado a um significado. Cada uma dessas linguagens são constituídas de elementos composicionais diferentes. Contudo, nosso objetivo não é destacar esses fatores que os distanciam, mas a complementaridade de sentidos que possibilitam na leitura da obra.

1 Análise das ilustrações de Flor Opazo relacionadas ao texto literário de Clarice Lispector: *A Mulher que Matou os Peixes*

As ilustrações nesta obra ocupam diversas posições nas páginas: são apresentadas no meio, no fim, no início e do lado do texto. Antigamente as ilustrações ficavam em páginas separadas, mas, atualmente, são utilizadas de várias formas. Ao adotar esses diferentes modos há uma proximidade maior com o texto, intensificando um possível diálogo, que já se inicia na própria capa do livro.

Se tomarmos o título do livro *A Mulher que Matou os Peixes*, não levando em consideração a imagem, ao invés de dois peixinhos na capa, logo poderíamos imaginar diversas situações para relacionar à morte dos peixes. Do mesmo modo, cada leitor decidiria a quantidade, porque, quando se fala em morte, não se especifica de quantos se trata.

No entanto, se levarmos em consideração a imagem sem a leitura do título, podemos perceber, no aquário, dois lindos peixinhos alaranjados sorrindo. Logo, demonstram estarem felizes. Nunca pensaríamos que esses peixinhos teriam um fim trágico. Outro fato que desperta atenção é que uma mulher os mata. É comum ver homens pescando e matando peixes e não esta atitude vinda de uma mulher. Assim, podemos perceber que, ao relacionar a imagem ao texto, ampliamos as possibilidades de sentido para a obra.



Ilustração 1: Capa do livro *A Mulher que Matou os Peixes*.
Fonte: Lispector (1999).

Assim, verificamos, fundamentando-nos em Joly (1996), que a imagem atravessa os textos e muda-os; atravessados por ela, os textos transformam-na.

Portanto, as imagens mudam os textos, mas os textos, por sua vez, mudam as imagens. O que lemos ou ouvimos a respeito das imagens, a maneira como a literatura, a imprensa, a sinalização apropriam-se delas, trituram-nas e apresentam-nas determinam necessariamente a leitura que fazemos delas. (JOLY, 1996, p. 131).

Analisando ainda a ilustração da capa deste livro, podemos notar dois peixinhos ilustrados de cor alaranjada e não vermelhos como se conta na história. Os peixinhos são descritos como vermelhos e são apresentados na ilustração em alaranjado. Poderíamos imaginar que a ilustradora talvez quisesse colocar a cor alaranjada por se aproximar mais do tom do vermelho por não gostar muito da cor vermelha, ou que resolveu pintar de alaranjado para chamar a atenção do leitor.

A capa do livro é bem colorida, inclusive contém um pano de mesa branco, com flores amarelas e com miolo vermelho. A imagem é bastante colorida e chama a atenção do público leitor, por se tratar de um livro escrito para crianças.

Na capa também encontramos um aquário onde viviam os peixes no qual se reflete a imagem de uma janela, podemos vê-los vivos, sorrindo e com alimento dentro do aquário. No entanto, no final do enredo esses morrem de fome. Ao colocar a imagem dos peixinhos vivos, sorrindo, poderíamos compreender como uma forma de a ilustradora amenizar a sensação de culpa da narradora por ter matados os peixinhos.

Se fosse colocada na capa do livro a imagem dos peixinhos mortos, de imediato as crianças já iriam sofrer, antes mesmo de saber o motivo pelo qual ela havia matado os peixes. Talvez a narradora já seria condenada de imediato. Essa não era sua intenção, mas demonstrar que ela não teve culpa e provar isso para si mesma.

Na primeira ilustração, podemos visualizar uma imagem da narradora sentada em uma cadeira datilografando o texto para os leitores. Junto a esta imagem podemos visualizar vários bichos como lagartixa, mosquito, borboleta, pintinho, barata e até um rabo de macaco. As imagens são de cor cinza escuro, dando a impressão de serem a sombra da narradora e dos bichos.



Ilustração 2: A escritora-narradora Clarice.
Fonte: Lispector (1999).

Isso demonstra que, neste caso, esta cena se passa à noite, até pelo fato de ter a sombra de uma lâmpada em cima da mesa onde a personagem Clarice escreve. Como podemos perceber na ilustração, ela digita e tem uma pilha de papel à frente da máquina na qual escreve. É possível interpretar que a narradora-personagem não dorme e que fica escrevendo a noite toda. Aqui podemos ver uma ligação com a biografia da Clarice Lispector, a

personagem Clarice, aqui apresentada no texto e na imagem, assemelha-se com a vida da autora, pelo fato de escrever muito e não dormir.

Na obra a narradora fala de uma gata que tinha e sempre dava uma ninhada de gatos e que não deixava se desfazer de nenhum gatinho. Na obra não é apresentada a cor da gata e nem dos gatinhos, porém a gata no livro é ilustrada de cor alaranjada com amarelo e os cinco gatinhos são um de cor cinza, um marrom, um branco e dois de cor laranja.



Ilustração 3: A gata e sua ninhada.
Fonte: Lispector (1999).

Se entendermos a imagem e texto como formas complementares um do outro, acontece de a imagem completar esse sentido que não está posto no texto. Evidenciando esse aspecto complementar, já que não é dito. Ao pensar nas expectativas do leitor, talvez as cores não sejam a que eles imaginariam ser.

Do mesmo modo, percebemos que a ilustração do rato, no qual a narradora diz ser branco, aqui na imagem é azul. “Tenho um amigo que, quando era menino, criou um rato branco” (LISPECTOR, 1978, p. 09). Aqui há uma contradição evidente com o texto. Essa contradição faz com que o leitor, assim que termine de lê-lo, vá para a imagem, ou a veja antes de ler o texto. Dos dois modos, acaba sendo surpreendido por algo que não esperava, lê no texto sobre um rato branco e visualiza na ilustração um rato azul.



Ilustração 4: O rato azul.
Fonte: Lispector (1999).

Junto à ilustração do rato, é apresentada a imagem de um queijo que não é mencionado no texto. Desse modo, compreendemos que o ilustrador é um leitor do texto. Logo, ele

poderia ter imaginado isso, tendo em vista as referências a ratos, presente no imaginário popular.

De acordo com Pereira (2009), a função primária das ilustrações é a de representar o texto, mas, as funções secundárias são dependentes da maneira como o fazem, de modo a esclarecê-lo, de modo que outras informações lhe sejam acrescentadas, ou de qualquer outro modo aceito como forma viável de descrição pictórica de um determinado texto.

A narradora fala de baratas muito feias e muito velhas, porém na ilustração percebemos que as baratas não tem nada de feias e nem de velhas, inclusive são pequenas e sem muitos detalhes. Nesse caso, a ilustrador não levou em consideração essas informações em sua leitura e como forma de amenizar a representação das baratas lhes atribuiu pouca dimensão de espaço na página ilustrada.



Ilustração 5: As roupas e acessórios da personagem Clarice.
Fonte: Lispector (1999).

A narradora também fala que essas baratas roem a roupa dela que fica no armário. Realmente na ilustração podemos ver que as baratas roem um cachecol, um vestido alaranjado e uma meia, porém não é detalhado que tipo de roupa do armário as baratas roem. “Por exemplo: tenho baratas. E são baratas muito feias e muito velhas que não fazem bem a ninguém. Pelo contrário, elas até roem a minha roupa que está no armário.” (LISPECTOR, 1999, p.10).

Na página seguinte a esta ilustração, página 11, podemos observar que este fato se repete. A ilustradora, Flor Opazo, na posição de leitora, com seu conhecimento de mundo e valores, atribui elementos à ilustração não evidenciados no texto de Lispector (1999). Por

exemplo, não é mencionada a cor da lagartixa no texto, porém sua ilustração é de cor amarelada como podemos verificar na ilustração abaixo.

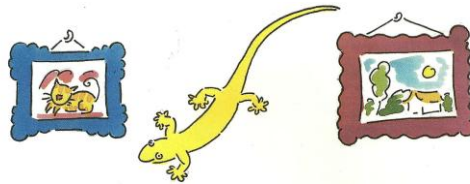


Ilustração 6: Lagartixa (bicho natural).
Fonte: Lispector (1999).

O mesmo se observa em relação aos retratos, colocados na parede. No caso das molduras, eles nem são mencionados e são colocados na ilustração. Estes porta-retratos estão situados ao lado da lagartixa dando a entender para o leitor que a lagartixa está na parede. A imagem aqui está completando sentidos do texto e transbordando-o.

Por sua vez, em outras ilustrações a imagem reflete a mesma cena descrita no texto, como na ilustração do mosquito sendo visto por uma lupa. Essa imagem dá a impressão de estarmos vendo-o realmente por uma lupa. Esta imagem se encaixa perfeitamente ao texto não fugindo de sua interpretação.

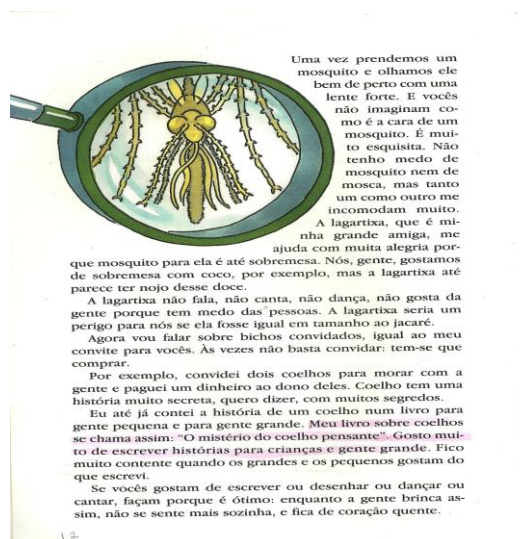


Ilustração 7: O mosquito através da lente.
Fonte: Lispector (1999).

A lupa desenhada toma parte do espaço do texto para chamar realmente a atenção para a imagem. Assim, toda vez que o leitor for ler cada linha se depara com a imagem do mosquito sendo visto pela lupa. Mosquito esse não muito bonito. Como a imagem é mostrada

em tamanho grande, deixa-o bem feio. Do mesmo modo quando pegamos uma lupa e colocamos em uma mosca ou mosquito.

Na imagem onde contém uma menina com seu livro aberto é justamente o livro que a narradora diz ter escrito *O Mistério do Coelho Pensante* pela editora Rocco. A imagem demonstra o prazer pela leitura que a menina, que está sentada rodeada por animaizinhos, tem. É como se fosse um lazer para menina.

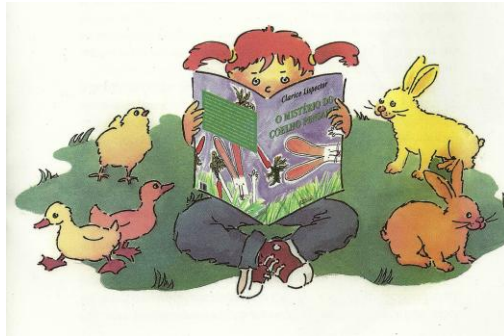


Ilustração 8: Momento de leitura.
Fonte: Lispector (1999).

Um dos coelhos, um pintinho e uns dos patinhos estão voltados para o livro como se quisesse lê-lo para dar a impressão de curiosidade dos bichinhos com o livro. Esta imagem mostra como a menina sentada na grama lendo o livro se sente bem, parece estar interessada e muito concentrada na leitura.

Esta ilustração aponta o livro como algo prazeroso e destaca a importância deste, sendo este o foco nesta ilustração. Prova disto são os animais e a menina centrados nele. Logo, o livro aqui esta sendo muito valorizado.

A ilustração, onde é representada a imagem de um cachorro que a narradora adquiriu durante a época que morava na Itália, descrito como um vira-lata, representa o animal olhando para o retrato de um mapa. Esta imagem mostra o cachorro muito triste olhando para o mapa.



Ilustração 9: Cachorro Dilermando.
Fonte: Lispector (1999).

Percebemos tanto no texto como na imagem a tristeza que o cachorro expressa pelo fato de sua dona ter que deixá-lo. No texto, temos o seguinte excerto: “Na hora de me despedir dele, fiquei tão triste que chorei. E Dilermando também chorou”. (LISPECTOR, 1999, p. 15). Na imagem, talvez o cachorro esteja observando qual a distância que ficaria de sua dona. Como no próprio texto, “Dilermando era quase tão inteligente como uma criança de dois anos”, a narradora diz que ele é um cachorro muito inteligente, talvez esteja pensando na possibilidade de voltar a morar com ela. (LISPECTOR, 1999, p. 14). Nesse caso, é possível refletir sobre qual das duas formas despertaria mais comoção no leitor. O texto sugere uma cena que o leitor deve construir com o seu conhecimento de mundo, por sua vez a imagem mostra a tristeza do cachorro, deixando o leitor comovido com a cena posta.

É colocado também no livro a imagem de uma mala amarela com vários adesivos da Itália, do Rio de Janeiro e de várias cidades por onde a narradora percorreu. Esta mala deixa mais tristes os leitores pelo fato de a mala, neste contexto, estar simbolizando a despedida do cachorro Dilermando.

A disposição que esta ilustração é apresentada na página sugere ainda mais o diálogo entre texto e imagem. Cada vez que o leitor lê uma linha do texto deparasse com a imagem da mala amarela, cor esta que desperta ainda mais a atenção do leitor.

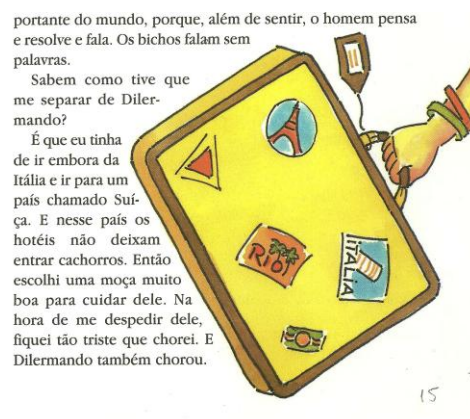


Ilustração 10: A Mala Amarela.
Fonte: Lispector (1999).

O leitor que já está com o coração partido, por ver o cachorro sofrendo com a separação de sua dona e olhando para o mapa com uma cara de quem quer chorar, faz com que o leitor sinta um aperto no coração ao ver a mala. A mala significa neste contexto a partida, o momento em que sua dona Clarice realmente irá partir, ou seja, o adeus. Isso tudo vai gerando no leitor uma grande agonia de não poder fazer nada para impedir essa separação.

O cachorro chamado Jack, um cachorro comprado nos Estados Unidos, é descrito como um cão que latia e vigiava a casa. Imagina-se, assim, que seja feroz, com uma cara brava, fechada e com pelo menos os dentes à mostra. Mas a ilustração no livro não é bem essa, o cachorro ilustrado é um cachorro com cara de bobo, todo alegre, simpático, não parece um cachorro que cuidaria de uma casa para os ladrões não roubarem. Dessa forma, há algo sugerido no texto que teria conduzido a esta leitura da ilustradora, como podemos verificar no trecho: “Jack era menos inteligente que Dilermando, mas era um cachorro muito corajoso”. (LISPECTOR, 1999, p. 16).



Ilustração 11: O cachorro Jack.
Fonte: Lispector (1999).

A única descrição que a imagem confere literalmente ao texto é no tamanho do cachorro. Inclusive o animal ganha destaque, pois a imagem do cachorro é colocada em primeiro plano, enquanto a imagem das casas e da rua ficam ao fundo, dando uma impressão de estarem longe do espectador.

Esta ilustração, por corresponder ao meio do livro, é desenhada nas duas páginas juntando uma a outra, como é comum hoje encontrarmos em livros infantis. O texto é colocado na parte superior do livro e na parte de baixo são feitas as ilustrações.

Na página 18 e 19 do livro fala sobre Lisete uma miquinha que a narradora comprou para dar de presente para o pessoal de sua casa. A miquinha é descrita no texto como suave, linda, muito pequena, usava saia vermelha e colares e brincos baianos, tinha um jeito quieto. Podemos confirmar essa afirmação no trecho: “Escolhi uma miquinha muito suave e linda, que era muito pequena. Estava vestida com saia vermelha, e usava brincos e colares baianos.” (LISPECTOR, 1999, p.18).

Podemos observar na ilustração que a saia da miquinha não é bem da cor vermelha, é meio rosada e os brinquinhos e colar não se parecem tanto com os de baianas.



Ilustração 12: A miquinha Lisete na festa de natal.
Fonte: Lispector (1999).

A miquinha também na ilustração não é tão pequena assim, pois está maior que a árvore de natal. Na ilustração a miquinha também está com uma cara de quem está doente, abatida, confirmando assim o que está descrito no texto, que a miquinha se encontrava doente.

Foi batizada com o nome de Lisete. Lisete às vezes parecia sorrir pedindo desculpas por dormir tanto. Comer, quase não comia, e ficava parada num cantinho só dela. No quinto dia comecei a desconfiar que Lisete não estava bem de saúde. Pois não era normal o jeito quieto e calado dela. No sexto dia quase dei um grito quando adivinhei: “Lisete está morrendo! Vamos levá-la a um veterinário!” (LISPECTOR, 1999, p. 18).

Há também na mesma página, onde está ilustrada a miquinha Lisete, uma árvore de natal junto com presentes. Esses presentes se encontram embaixo da árvore de natal. A imagem da cara da miquinha voltada para a árvore de natal, toda enfeitada, do jeito que as crianças adoram ver, não é muito boa. Isso mostra o tanto que a miquinha se encontrava mal, pois se perante uma árvore linda e enfeitada ela não estava feliz, realmente ela passava por sérios problemas, foi quando sua dona resolveu levá-la ao médico e descobriu que estava muito doente.

Na página posterior observamos a miquinha toda alegre e com os movimentos da perna e do braço, como se estivesse brincando. A tonalidade da cor da ilustração nessa página é bem mais forte que na página anterior, sugerindo mais vida e disposição para Lisete.



Ilustração 13: A miquinha Lisete brincando feliz.
Fonte: Lispector (1999).

No entanto, na página seguinte, encontramos a ilustração da miquinha Lisete na rede, de olhos fechados, de roupa, com brincos e colares, em uma rede amarela cheia de estrelas em volta. Aqui como descreve o texto é a morte da miquinha Lisete. Contudo, a rede dá a impressão que ela dorme profundamente. Entende-se, assim, que a miquinha não está morta, mas dormindo. Se fosse ilustrado um caixão e uma cruz, daria pra saber que realmente a miquinha havia morrido, pois esses são símbolos convencionais para representar a morte.



Ilustração 14: A morte da miquinha Lisete.
Fonte: Lispector (1999).

As estrelas ilustradas nesse contexto talvez sejam para dar a entender que a miquinha se tornaria uma estrela e que nunca iria abandonar a família e que sempre que as crianças quisessem vê-la era só olhar para o céu. Nesta ilustração, foi usado o eufemismo de imagem, isto é, uma forma mais branda de interpretar a morte, ao invés de caixão, uma rede e as estrelas para mostrar que ela havia ido para o céu.

A ilustração dos cachorros Bruno e Max almoçando está de acordo com o texto: “Eles eram tão amigos que um chamava o outro, convidando para almoçar e botavam os dois focinhos no mesmo prato de comida”. Contudo, no texto não se descreve as características dos cachorros, deixando assim o leitor muito confuso na hora de saber quem realmente é Max e qual é o Bruno.

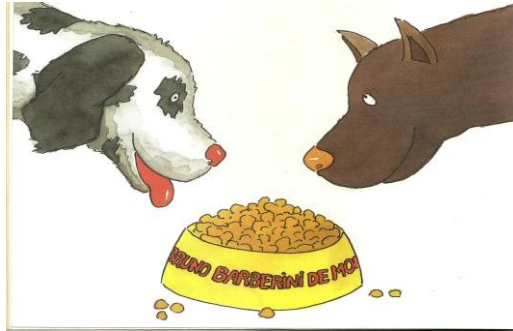


Ilustração 15: Os cachorros Bruno Barberini de Monteverdi e Max.
Fonte: Lispector (1999).

Como observamos na imagem, há dois cachorros, um marrom e outro branco com manchas pretas. Logo, o leitor só irá saber mesmo quem é Bruno na página posterior, onde os cachorros cercam-no para matá-lo.



Ilustração 16: Os cachorros ao cercar Bruno Barberini de Monteverdi.
Fonte: Lispector (1999).

Assim, descobrimos que o cachorro branco com manchas pretas da ilustração anterior é Bruno. Agora esse cachorro encontra-se em apuros, sendo rodeado por cinco outros que querem matá-lo. Como Bruno se encontra em apuros e não tem saída, os cachorros o matam.

A ilustração dos cinco cachorros que querem matar Bruno está voltada para o texto, dá a impressão que os cachorros estão olhando para o texto do livro. Isso mostra que há uma intenção para chamar a atenção toda para o texto. É uma estratégia utilizada através da ilustração para que a criança preste atenção nas ilustrações e também leia o que está escrito.

Os cachorros que cercaram o cachorro Bruno são todos de cores diferentes. Porém o último cachorro visto da esquerda para a direita, de cor amarelada com pintas marrons, mais parece a imagem de um porco do que de um cachorro. Se no texto não tivesse escrito que era

cachorro, o leitor poderia achar que seria um porco. Talvez essa impressão seja por que ele é o último cachorro ilustrado da esquerda para a direita, então o seu rabo ficou cortado pela falta de espaço.

Os cachorros que atacaram Bruno não são representados na ilustração como animais violentos, como posto no texto: “Bruno percebeu logo que estava cercado por vários cachorros enormes e fortes. Bruno sabia que a lei dos cachorros é a vingança”. (LISPECTOR, 1999, p. 24). Somente o cachorro amarelo é grande, mais mesmo assim não chega ao tamanho de Bruno. Os cachorros são um de cada cor, nenhum se parece, ficando bem colorida a página ilustrada. Contudo, a imagem não causa o impacto que a descrição desses animais no texto sugere.

A imagem do mar na ilustração onde a narradora fala da ilha de sua amiga, toma conta de toda página do texto, dando a entender que o texto está embaixo d’água. A ilustração do mar ocupa duas páginas do livro. Os bichinhos do mar são desenhados um em cada canto do texto, são todos bem coloridos fazendo assim um enfeite em todo o texto. É parecido com os desenhos que algumas crianças fazem em volta da folha de caderno para enfeitar.

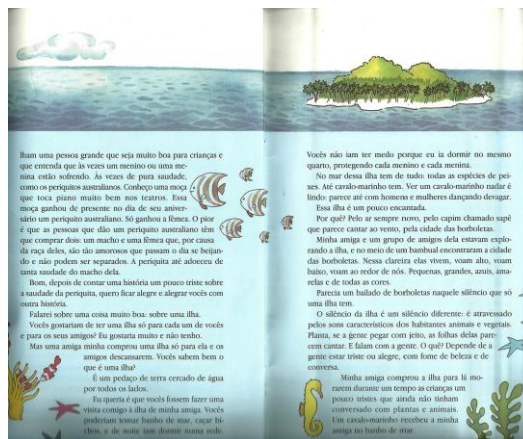


Ilustração 17: O mar da ilha da amiga.

Fonte: Lispector (1999).

Essas duas páginas estão muito bonitas, pela cor azul utilizada na página e pelo colorido que os bichos do mar tem. São desenhados vários bichos do mar, contudo são tantos que não é possível colocar todos na ilustração e, por isso, ficam faltando muito deles.

Na disposição da página, antes da escrita do texto é colocada a imagem da ilha e das ondas das águas na parte superior. Também é ilustrado o céu. Quando se inicia o texto, a página é toda azul, parecendo-se com o fundo do mar. Até por que os bichos do mar ficam todos espalhados em volta do texto.

Quando o leitor lê o texto, parece estar no fundo do mar realmente, porque a folha é toda azul e quando termina de ler um parágrafo já se depara com uma imagem de algum bicho do fundo do mar.

Utilizam-se ainda duas páginas para ilustrar a ilha. Na ilustração dessa ilha se encontra um pé de côco, várias borboletas coloridas e vários pássaros de várias as espécies e, por fim, uma cobra, que mais parece uma sucuri de tão grande.



Ilustração 18: A ilha da amiga de Clarice.
Fonte: Lispector (1999).

De acordo com a imagem anterior, as borboletas e os pássaros deixam bem enfeitadas as páginas do livro. Fica tudo muito agradável aos olhos do leitor. Se nos perguntassem qual estação da ilha nesse momento, não pensaríamos duas vezes antes de responder: primavera. É tudo muito colorido, os pássaros estão coloridíssimos, assim, como as borboletas.

Enfim chegamos à imagem principal, antes da morte dos peixinhos. Na ilustração, os peixinhos se encontram no aquário, a imagem mostra minutos antes destes morrerem. Essa imagem ilustra os peixinhos olhando para o reflexo do aquário que mostra a personagem Clarice digitando suas estórias, enquanto eles estão com fome dentro do aquário.

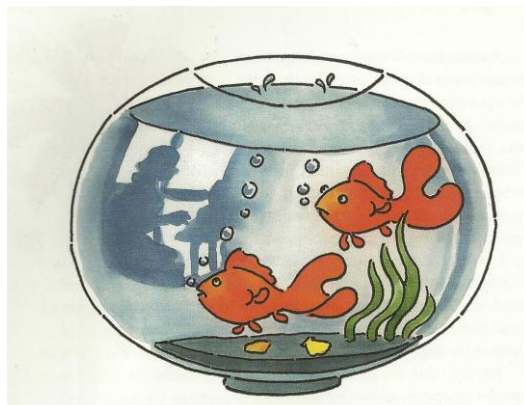


Ilustração 19: Instantes antes da morte dos peixinhos.
Fonte: Lispector (1999).

Com olhar, os peixinhos pedem socorro para a personagem Clarice, mas infelizmente ela está muito ocupada datilografando. Os peixinhos não fazem barulho nenhum, não tem nem como eles chamarem a atenção dela.

Na última imagem do livro ilustrado de Clarice Lispector *A mulher que matou os peixes* podemos observar um aquário com a palavra escrita fim, as palavras F e M estão pintadas na cor alaranjada, ou seja, na cor dos peixinhos e por coincidência ainda são duas, justamente o número de peixinhos. A letra I está na cor amarela. É também da mesma cor das duas folhinhas no fundo do aquário na imagem anterior.



Ilustração 20: O fim dos peixinhos.
Fonte: Lispector (1999).

Então esse “fim” escrito dentro do aquário com a cor dos peixinhos representa os peixinhos mortos. O reflexo no aquário é apenas de uma janela, diferente da imagem anterior, que era a imagem de Clarice digitando.

Percebemos também uma predominância da cor alaranjada e amarela, não tem nenhuma ilustração que deixe de conter, ou o amarelo ou o alaranjado na pintura. Isso é facilmente percebido no livro.

Segundo estudo feito por Darlan Glauber (2007), as cores têm uma grande influência psicológica sobre o ser humano. Existem cores que se apresentam como estimulantes, alegres, otimistas, outras serenas e tranquilas. A cor amarela significa luz, calor, descontração, otimismo e alegria. O amarelo simboliza o sol, o verão, a prosperidade e a felicidade. É uma cor inspiradora e que desperta a criatividade. Estimula as atividades mentais e o raciocínio. A cor alaranjada significa alegria, vitalidade, prosperidade e sucesso. É uma cor quente resultado da misturas das cores primárias: vermelho e amarelo. Está associada à criatividade, pois o seu uso desperta a mente e auxilia no processo de assimilação de novas ideias.

Percebemos também que todas as ilustrações contêm algum tipo de bicho, pelo fato da narradora sempre falar em animaizinhos de estimação, de bichos naturais que, é como ela cita,

os que moram em sua casa, porém que não foram convidados. A narradora, por ter matado dois animaizinhos, fala muito sobre outros animais aos quais ela não fez mal algum. Logo, são muitos os animais que ela recorda.

Um livro muito fácil de ler, pois as imagens ocupam boa parte do espaço do texto. A leitura é bem prazerosa e rápida. Assim, é perceptível que a obra foi feita para crianças, pois é necessário que uma obra para crianças traga imagens coloridas e cheias de mensagens, para que instigue o interesse na leitura, pois vendo somente as imagens não é suficiente para que a história seja compreendida.

Terminamos esta análise destacando a importância das ilustrações nesta obra. Primeiramente, vale lembrar que a imagem é uma complementação do texto. Assim, percebemos que em algumas informações do texto, no qual se fala em morte, não são ilustradas de forma realística. A intenção da ilustradora é amenizar os acontecimentos, usando ilustrações que não contenham cenas as quais irão chocar as crianças, que são o público leitor alvo desta obra.

Se a ilustradora fosse ilustrar o sentido do título *A mulher que Matou os Peixes*, uma criança talvez ficaria até com medo de lê-lo. A função dos dois peixinhos sorrindo na capa da obra é de amenizar o sentido que o título carrega.

Agora, se analisarmos somente a imagem que está na capa do livro, ignorando o título, não saberíamos que o livro fala da morte de dois peixinhos. Concluímos então que a imagem complementa o texto, assim como o texto dialoga com a imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil, por muito tempo, foi considerada um gênero menor. Atualmente, porém, ocupa um espaço bem maior, no mercado livreiro, que a literatura adulta. Fomentada principalmente por estar, de certa forma, relacionada à educação, vinculada à questão escolar.

Clarice Lispector, uma mulher que, naquela época, já se colocava à frente de muitas mulheres, seja pela sua forma de pensar ou simplesmente por ter se tornado uma escritora de renome, já que o comum das mulheres era cuidar dos afazeres domésticos, torna-se uma escritora reconhecida internacionalmente.

Percebemos que o livro da autora é bem diferente dos demais livros escritos para crianças, é carregado de traços de Clarice Lispector. A própria autora utiliza propositalmente seu nome na personagem-narradora Clarice. Para perceber esses traços o leitor tem que conhecer um pouco sobre a biografia de Lispector.

Apontamos também a questão do tema morte, um tema muito forte para ser trabalhado em um livro infantil, não é comum esse tipo de tema nas obras destinadas a esse público leitor. Apesar de falar da morte de vários animais, a autora aborda este tema de forma branda, tentando não chocar muito os leitores, tentando preparar estes leitores para a perda de seus animais de estimação.

A forma como a narradora vai contando outras histórias até chegar, finalmente, em como matou os peixes, deixa os leitores ainda mais tristes, porque ela conta histórias de bichinhos dos quais gostava e que acabaram morrendo, como por exemplo a miquinha Lisete. E, no fim, essa necessidade que ela tem em pedir o perdão do leitor, é para conseguir o seu próprio perdão.

Em relação às ilustrações, que estas acabam por adquirir a função de amenizar o sentido do texto, como mencionado no trabalho. Se uma criança ler somente o texto sem visualizar as imagens, talvez imaginasse cenas muito fortes, mas as ilustrações vão amenizando o sentido do texto. Em nenhuma delas constam cenas dos bichinhos mortos como descrito no texto. Inclusive os peixinhos vermelhinhos, os quais ela diz que morreram, não são ilustrados mortos, boiando na água do aquário. É ilustrada somente dentro do aquário a palavra fim, que o leitor automaticamente já entende como a morte dos peixinhos. Desse modo, foi possível verificar a relevância da imagem em relação ao texto, um complementando o sentido do outro.

REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, Lígia. *Literatura Infantil: história e crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAMPEDELLI, Samira; ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Clarice Lispector: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Quíron, 1987.
- CORDEIRO, Lathife. Clarice Lispector é homenageada pela editora Rocco. Disponível em: <http://www.visaoarte.com.br/revista/post.php?id=104&t=clarice_lispector_e_homenageada_pela_editora_rocco&c=2>. Acesso em: 27 set. 2012.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 2006.
- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In. BONNICI, Thomás; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005. p. 33-56.
- GLAUBER, Darlan. Significado das cores. Disponível em: <<http://darlanglauber.wordpress.com/2007/05/16/significado-das-cores/>>. Acesso em: 15 de out. 2012.
- JOLY, Martine. *Introdução a Análise da Imagem*. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1991.
- LISPECTOR, Clarice. *A Mulher que Matou os Peixes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- NOLASCO, Edgar Cezar. Apresentação Clarice Espectros. In. NOLASCO, Edgar Cezar. *Espectros de Clarice: uma homenagem*. São Carlos: Pedro e João, 2007. p. 9 - 17.
- PAIO, Maria José; Maria Rosa D. Oliveira. *Literatura infantil: voz de criança*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- PEREIRA, Nilce M. Literatura, Ilustração e o livro ilustrado. In. BONNICI, Thomás; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 379 - 371
- RIO MÍDIA. Rogério Barbosa, ganhador do prêmio de Literatura Infantil da ABL, fala sobre sua obra. Disponível em: <http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Entrevistas&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=8610>. Acesso em: 05 de jun. 2012.

ROCHA, Fábio. A Magia da Poesia. Disponível em:
<<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/entrevista-com-clarice-lispector-na-tv-cultura-em-1977/>>. Acesso em: 03 de abr. 2012.